



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

CHRISTINA NEVES MARIANI

PÉ DO MORRO

Salvador

2023

CHRISTINA NEVES MARIANI

PÉ DO MORRO

Memorial descritivo do roteiro de longa-metragem ficcional *Pé do Morro* apresentado como requisito para a obtenção do grau de bacharel do curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Adil Giovanni Lepri

Salvador

2023

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Glória, por sonhar meus sonhos, por acolher meus sentimentos e me fortalecer dia após dia.

Ao meu pai, Carlos, por me ensinar sobre raízes e por ser minha inspiração diária.

À minha irmã, Carla, por ser porto e miragem, lugar firme para ancorar paixões e temores.

Ao meu irmão, Luís, por me mostrar que sempre há muito do que se descobrir, fabular e imaginar.

Às amigadas que transitaram nesse espaço-tempo e foram fuga, respiro e casa.

Ao meu orientador, Adil Lepri, pela condução tão leve e respeitosa, por me fazer acreditar neste projeto.

E aos que têm fé no cinema, minha grande admiração.

O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Manoel de Barros

RESUMO

Esta memória visa comentar alguns aspectos do processo de criação do roteiro de longa-metragem ficcional “Pé do Morro”, filme que dialoga com o gênero fantástico. Ao compreender o cinema como aparato de rememoração, o roteiro utiliza dos artifícios do gênero fantástico, apostando no hibridismo entre ficção-científica, fantasia e fábula, para questionar as mudanças no espaço urbano de uma cidade do sertão baiano, Bom Jesus da Lapa. Entrecruzando ficção, histórias de tradição oral da região e espaços históricos da cidade apagados pelo processo de urbanização e gentrificação, o roteiro se apropria do gênero e da ficção especulativa para fazer permanecer lugares destituídos da materialidade.

Palavras-chave: Roteiro; cinema fantástico; rememoração; sertão; memória.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 07 |
| 2. ATO UM: O ROTEIRO É O SONHO DO FILME | 08 |
| 2.1 Fabulações de mundo por meio do cinema..... | 10 |
| 2.2 O gênero fantástico | 11 |
| 3. ATO DOIS: LAMPEJOS DO PASSADO; CINEMA E REMEMORAÇÃO | 13 |
| 3.1 Bom Jesus da Lapa: espaço urbano e memória | 14 |
| 3.2 Referências estéticas e filosóficas..... | 15 |
| 4. ATO TRÊS: ETAPAS PARA A ESCRITA DRAMATÚRGICA | 17 |
| 4.1 Concepção da Ideia | 17 |
| 4.2 Público-alvo | 18 |
| 4.3 Universo Ficcional..... | 19 |
| 4.4 Argumento | 19 |
| 4.5 Escaleta e Roteiro..... | 20 |
| 5. CONCLUSÃO | 21 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 21 |
| 7. REFERÊNCIAS FÍLMICAS | 23 |
| 8. ANEXOS | 25 |

1 INTRODUÇÃO

Uma das formas que encontro de existir no mundo é por meio das palavras. Escavando memórias ainda pueris deparo com o encantamento e simpatia por elas, enquanto colegas guerreavam para escrever textos, eu me debruçava em páginas de escrita. A escolha de fazer Jornalismo é fruto dessa reminiscência, de lembrar que sempre gostei de escrever e, comumente, me apetecia tais escritas. Hoje, entendo que o Jornalismo chegou até a mim como meio de fazer ecoar minha ânsia de escrever o mundo, e mais que isso, fornecer aparatos para que o escrever o mundo seja para o mundo e não apenas para mim.

Antes do Jornalismo, porém, me graduei em Artes e Cinema. Certa vez - novamente esbarro em memórias e com ela abro espaço para uma anedota -, quando questionada sobre a razão de ter escolhido o cinema, a cineasta francesa Agnès Varda resgata seu desejo prematuro pela palavra. Ela acreditava, pois, que o cinema era isso: imagem e palavra. Entendeu a posteriori que era muito além, mas aquela resposta fez-me próxima dela. Meu primeiro desejo foi a palavra, meus posteriores foram as imagens, ora congeladas ora em movimento. Escrever um roteiro, então, seria a perfeita união entre afinidades.

Foi trilhando esses meios caminhos que surgiu “Pé do Morro”, um roteiro de longa-metragem de fantasia juvenil, um presente para a criança que adorava assistir filmes e escrever prosas de realismo-fantástico e ansiava viver aventuras como tais. Na história, após uma chuva torrencial no mês de agosto - época de estiagem no sertão -, Nina, Pipo e Júnior, crianças de 12 anos, deparam-se com o inusitado: um portal que mostra acontecimentos do futuro. Certo dia, no entanto, ao cruzarem o portal, eles são levados para o passado, e descobrem, então, que algo da cidade desapareceu: um grande morro de calcário. De volta ao presente, ninguém parece dar conta do desaparecimento. É assim que com a ajuda de Ary, jovem aprendiz que trabalha na Biblioteca, e Antônia, irmã mais velha de Pipo, as crianças retornam ao portal movidas pela bisbilhotice e curiosidade de saber a razão do esquecimento. Ao cruzarem o portal novamente, imergem em uma aventura em meio às lendas e cotidianidade de uma cidade ribeirinha e sertaneja.

“Pé do Morro” guarda um pouco do que sou e fui, do que vivi e ouvi durante a minha infância, criada em uma cidade do sertão baiano, Bom Jesus da Lapa, constituída por mitologias. Tem um pouco dos meus familiares, dos meus amigos, de figuras icônicas que habitam o imaginário da cidade. Tem o anseio da descoberta, o deslumbre do desconhecido e a vontade de fazer permanecer uma memória transitória que, vez ou outra, se esvai. Mas, sobretudo, tem um forte traço de sonho.

Durante o processo, no entanto, esbarrei com a dimensão ausente da falha. Escrever é falhar, afinal. O fim desse processo chega como acalento e prognóstico positivo para uma realista esperançosa. É preciso não saber para que se possa aprender, e, por certo, aprendi. Ao final, valeu.

Neste memorial apresento o processo de pesquisa, composição e escrita do roteiro de longa-metragem “Pé do Morro”, projeto de conclusão de curso em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. Primeiramente, apresento as compreensões de roteiro cinematográfico, bem como as reflexões sobre a potência imaginária do cinema que atua como construtor de mundos e as definições de gênero, mais especificamente, do gênero fantástico. Posteriormente, abordo a possibilidade do cinema de gerar uma experiência estética que resulta em um efeito de rememoração. E, por último, relato o processo criativo de elaboração deste projeto, que inclui a definição da ideia e do público-alvo, criação do mundo ficcional, personagens, sinopse, argumento, escaleta e o roteiro final.

2 ATO UM: O ROTEIRO É O SONHO DO FILME

Há um punhado de tempo, costumo referir-me à escolha de estudar e seguir na carreira do audiovisual como uma imanente vontade de sonho. Aprendi, em tempos de outrora, que sonho é, também, destino. Não à toa me encontro no ofício de roteirista, ele é, pois, o primeiro sonhador do filme. Segundo a pesquisadora Patrícia Dourado (2019), o roteiro seria “um lugar de filme imaginado” (2019, p.4), e citando o teórico francês Jean-Claude Carrière (2006), entende o roteiro como o “sonho do filme”.

O roteiro é, então, o lugar onde se primeiro fabula a estória e suas imagens, sendo assim um documento efêmero, atribuindo-lhe outra dimensão que o faz ainda mais próximo do sonho. Para Carrière (2004), é o instrumento de uma passagem,

um roteiro pode ser comparado a uma ferramenta de alquimista. Uma passagem. Uma transmutação. Todos aqueles que, sobre um tablado, em um estúdio, participam desta transformação muito lenta, muito difícil, tão árdua quanto a busca da pedra filosofal (...). Eles trabalham neste antro, neste cadinho mágico que é o cinema, que irá transformar um ‘objeto’ escrito em ‘coisa’ filmada. (Carrière, 2004, p.100).

O roteiro é, desta forma, um portador de um outro estado, guardião de palavras formadoras de imagens e sons. Em contrapartida, Pier Paolo Pasolini (1986) propõe uma nova compreensão sobre o roteiro, nem como um documento de um filme “por fazer”, muito menos

como uma obra literária, o define como roteiro autônomo, isto é, uma estrutura que deseja se tornar uma outra estrutura.

De todo modo, escrever um roteiro é, em suma, escrever imagens. Pensar imagem através da palavra, em uma espécie de exercício intersemiótico, à medida que é preciso reconhecer o processo de tradução em diferentes linguagens.

O roteirista e escritor Doc Comparato (2009) define três aspectos fundamentais para o desenvolvimento de um roteiro, são eles o *logos*, *pathos* e *ethos*. O autor afirma que a ferramenta que estruturará o roteiro é a palavra, ou o *logos*, isto é, a forma verbal de um roteiro, “sua estrutura geral”. O *pathos*, por sua vez, se refere ao dramático da ação humana, ao cotidiano que gera, continuamente, variados acontecimentos. Enquanto o *ethos*, por fim, diz respeito a ética e a moral, a intenção da história e suas implicações exteriores.

Acerca da estrutura de um roteiro, o autor Robert McKee (2006), no livro “Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro”, a define como “uma seleção de eventos da história da vida dos personagens, composta em uma sequência estratégica para estimular emoções específicas” (p.45). Para o autor, tais eventos geram mudanças na narrativa expressadas por valores e “alcançadas através do conflito” (p.46).

Comparato (2009) estabelece as etapas que guiam a escrita de um roteiro por meio de conceitos dramáticos. Assim sendo, considera que

Construir a storyline é determinar o conflito, escrever uma sinopse é descobrir as personagens, estruturar é organizar uma ação dramática. Elaborar o primeiro roteiro é chegar aos diálogos e ao tempo dramático, trabalhar o roteiro final é manejar as cenas, isto é, a unidade dramática (Comparato, 2009, p. 31).

Por outro lado, Carrière (2004) defende que o roteiro deve ser um texto livre, para ele não existem regras fundamentais do roteiro, ou regra alguma. O teórico francês considera que o roteirista deve poder imaginar e fazer tudo, mas pondera que, como única exigência, o roteiro tem que funcionar. Pensando nisso, ele afirma a existência de alguns princípios “que se aprendem e nos quais se acredita, porque sabemos que quando não os aplicamos o filme não fica tão bom quanto poderia” (p.100). Dentre eles, estão as máximas “nunca anunciar o que será visto e nunca contar o que se viu”, ou seja, personagens não devem discorrer sobre a imagem ou comentar a ação, evitando a redundância e apostando na construção de imagens.

Embora este projeto obedeça a algumas convenções de formato, seguindo o padrão da escrita seguindo as etapas supracitadas, a narrativa está mais interessada na experiência sensorial que pode suscitar, intra e extra fílmica, que na estrutura pré-moldada de um texto,

explorando o poder do cotidiano, do gestual, dos afetos e das relações dos indivíduos entre si e com os espaços. Sobre isso, o cineasta e teórico russo Sergei Eisenstein (1929) afirma que “o roteiro expressa o propósito da experiência que o público deve passar” (1929, p.135, tradução nossa).

“Pé do Morro”, no estágio deste projeto, assume o interesse de criar uma atmosfera desde o momento de escrita do roteiro, aproximando do entendimento de atmosfera como “uma espécie de espaço psíquico”, como propõem as pesquisadoras Índia Mara Martins e Theresa Medeiros. As autoras defendem que este espaço, “no contexto narrativo, se constitui em uma estratégia de suspensão da descrença” (2019, p.233), e citando o psiquiatra suíço Ludwig Binswanger (1998), consideram a atmosfera fílmica como um espaço que coloca “em causa a relação do homem com o mundo”. E acrescentam:

A atmosfera é, por natureza, subjetiva, porque nasce a partir da realidade afetiva dos indivíduos que a projetam no seu espaço. Nesse sentido, também projetamos nossos afetos (no caso, medos e superstições) na relação que estabelecemos com o filme (Martins; Medeiros, 2019, p.233 e 234).

2.1 Fabulações de mundo por meio do cinema

Um menino corre por entre corredores de pedras. Desvia de galhos secos e escala as pedras pontiagudas de um morro. Chega até o pico mais alto e se desequilibra. Montagem alternada. Ao pé do morro, uma senhora lava roupas no rio e um pescador prepara uma rede para lançar nas águas. Quando olha para cima, a senhora avista uma figura amorfa, flutuando no ar como uma folha. De repente, um forte barulho, algo cai no rio e espirra água pelos cantos. De pronto, o pescador lança a rede na água e quando a puxa, lá está um menino, sentado entre os fios de nylon, ileso.

Esta é uma lenda da cidade de Bom Jesus da Lapa, com ela o roteiro se inicia. A construção dessa cena pressupõe um acordo com o não-real e uma vacilação, ora dos personagens - a senhora e o pescador - ora do público. Esbarramos, então, na dimensão do fantástico. Sobre isso, o escritor Tzvetan Todorov pontua que “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (1980, p.16).

Nesse sentido, o cinema apresenta-se como potência imaginária, artifício de imagem, som e montagem, que possibilita a construção de mundos. O cinema fantástico, por sua vez,

firmado na tríade ficção-científica, fantasia e horror, apresenta-se como possibilidade não apenas de construir mundos, como de reimaginá-los, na medida em que permite criar futuros e revisitar o passado, em um movimento literal de regressão.

O roteiro de “Pé do Morro” trabalha tanto com a ficção especulativa, com traços e adereços que situam o espectador em um futuro próximo, apostando na construção de ações banais do cotidiano que escalam para uma ficção extrapolativa, com a inserção de elementos de fantasia e não-realidade, como a abertura do portal de viagem no tempo, transes e aparições de seres fantásticos. Nesse aspecto, o roteiro se aproxima do fantástico contemporâneo e do realismo maravilhoso.

O pesquisador Fabrício Basílio em sua dissertação sobre o sobrenatural no cinema brasileiro contemporâneo, debruça sobre a noção de fantástico contemporâneo trabalhada por Jean Paul Sartre (2005) no texto “O fantástico contemporâneo - Aminadab, ou o fantástico considerado como uma linguagem”. Segundo Basílio (2018), para o autor, a versão contemporânea do fantástico não aceitaria delimitação com o universo em que se insere, e dessa maneira, “a inserção de um elemento fantástico em um mundo natural tornaria esse elemento também natural” (p.35). À essa compreensão a pesquisa de Basílio soma o conceito de realismo maravilhoso, seguindo o viés de Irlemar Chiampi (2008), marcada pela “desnaturalização do real e a naturalização do maravilhoso” (p. 157, *apud* Basílio, 2018, p.46). Nesse sentido, o elemento fantástico deixa de ser tratado como o desconhecido, para incorporar-se ao real, à realidade criada naquele universo narrativo. À vista disso, “Pé do Morro” teve no gênero fantástico sua base fulcral, apostando na mescla entre fábula, fantasia e ficção-científica.

2.2 O gênero fantástico

As abordagens teóricas sobre os gêneros cinematográficos e audiovisuais, usualmente, os associam a um padrão, um conjunto de códigos que indicam algo comum entre as obras, em outros termos, “interfaces transtextuais de acesso a um determinado filme ou grupo de filmes” (Suppia, 2021, p.256). O autor Rick Altman (1984) propõe um modelo teórico que se sustenta por meio da combinação de duas abordagens de estudo de gênero: a semântica e a sintática. Para Altman é necessário aceitar simultaneamente as noções semânticas e sintáticas de gênero.

Nesse sentido, os elementos semânticos seriam compostos de características comuns, atitudes, personagens, planos, locais, cenários e similares, enquanto os elementos sintáticos enfatizam “certas relações constitutivas entre espaços em branco não designados e variáveis”¹ (Altman, 1984, p.10, tradução nossa). Para o autor, a abordagem semântica dá destaque aos blocos de construção do gênero, ao passo que a sintática prioriza a forma, ou seja, a estrutura na qual o gênero está organizado.

Para a definição do gênero fantástico, por exemplo, Tzvetan Todorov se aproxima dos conceitos de semiótica, sobretudo, dos aspectos sintáticos e semânticos, ao abordar uma condição mais complexa para a inscrição do gênero em uma obra. Segundo o autor:

(...) uma parte, relaciona-se com o aspecto sintático, na medida em que implica a existência de um tipo formal de unidades que se refere à apreciação dos personagens, relativa aos acontecimentos do conto; estas unidades poderiam receber o nome de “reações”, por oposição às “ações” que formam habitualmente a trama da história. Por outra parte, refere-se também ao aspecto semântico, posto que se trata de um tema representado: o da percepção e sua notação (Todorov, 1980, p.20).

Ao teorizar sobre o fantástico, Todorov o define, por fim, diante da relação entre o real e o imaginário, e acrescenta que ele surge quando há a possibilidade de vacilar entre duas maneiras de explicar um fenômeno estranho, por causas naturais ou sobrenaturais.

Isto posto, “Pé do Morro” é definido como um roteiro de gênero, situado dentre os códigos do fantástico, na medida em que se constrói através de um elemento insólito: a viagem no tempo. No entanto, o evento, ao decorrer da trama, é tratado com naturalidade, à medida que não se dedica, tampouco se interessa em explicar o acontecimento. É nesse ponto que o roteiro instiga a vacilação, tanto por parte do público, como por parte dos protagonistas. Sobre isso, referindo-se ao gênero fantástico literário, Todorov pondera:

Ao finalizar a história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma entretanto uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico. Se decidir que as leis da realidade ficam intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra pertence a outro gênero: o estranho. Se, pelo contrário, decide que é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso (Todorov, 1980, p.24).

O cinema fantástico, pois, oferece a possibilidade de construir o insólito, de ir além da mimese e fabular mundos que estão além do campo real. Afinal, o fantástico habita o tempo das incertezas.

¹ No original “certain constitutive relationships between undesignated and variable placeholders”.

Apesar do principal elemento fantástico do roteiro ser, a priori, a quebra do espaço-tempo por meio da viagem no tempo, artifício comumente associado às obras de ficção-científica, ele não se restringe a apenas uma incidência genérica, apostando no hibridismo entre fantasia, ficção-científica e fábula. Vale ressaltar que o modelo de Altman, ao estabelecer a relação sintático/semântica, “possibilita a hibridização de gêneros em um só filme” (BASILIO, 2018, p.64). Em sua dissertação, o pesquisador Fabrício Basílio aponta que Altman observa “que um grande número de filmes inova combinando a sintaxe de um filme e a semântica de outro” (*Idem*, p.64).

Sobre isso, ao teorizar especialmente sobre gênero da ficção-científica, Alfredo Suppia (2013) realiza uma vasta pesquisa sobre a incidência do gênero em produções brasileiras e observa a sua presença como um gênero auxiliar, isto é, quando “não chega a ser dominante genérica” (p. 300). Segundo o autor, um filme pode ter maiores características e códigos de um outro gênero, como comédia ou chanchada, mas em dado momento, pode flertar com elementos do sci-fi ou da fantasia.

À vista disso, o roteiro encontra no hibridismo entre a fantasia, a ficção-científica e a fábula, a promessa tanto de fabular um novo mundo como de reaver o mundo presente. Nessa direção, utiliza-se de histórias da tradição oral, a partir da representação de mitologias da cidade de Bom Jesus da Lapa, como a lenda do menino que caiu do Morro, a serpente emplumada, e de mitos ribeirinhos, como o Nego D’água e a figura fantasmagórica e folclórica da carranca. A esse respeito, José Mário Ortiz Ramos, ao analisar a questão do gênero no cinema brasileiro, afirma que o gênero aciona uma memória cultural no público que tem contato com os filmes, na medida em que as repetições ou os códigos de gênero geram projeções e identificações “através da fruição ficcional” (RAMOS, 1993, p.111). O autor defende que o gênero pode criar ou fortalecer “matrizes culturais”, nesse ponto, apropria-se do conceito de Jesús Martín-Barbero (1997) que define as matrizes culturais como “o substrato de constituição dos sujeitos sociais para além dos contornos objetivos delimitados pelo racionalismo instrumental” (p.312). Desta forma, a utilização dos códigos genéricos no roteiro se dá pela compreensão do gênero como artifício que aciona imaginários.

3 ATO DOIS: LAMPEJOS DO PASSADO; CINEMA E REMEMORAÇÃO

A memória é um dos pontos em que o cinema, enquanto arte, se ocupa. Em “Pé o Morro” a memória é uma temática central, sobretudo, ao desenvolver umnexo entre uma rememoração crítica e o fracasso dos discursos modernizantes, representado pelo desaparecimento de um espaço que guarda memórias e historicidades, em decorrência de uma ideia de progresso.

O cinema, então, foi aqui entendido como gerador de uma experiência estética que resulta em um efeito de rememoração. Nesse contexto, a pesquisadora Cláudia Cardoso Mesquita, em um artigo em que analisa como cinema brasileiro tem elaborado a experiência histórica do passado e da memória, afirma que:

o cinema e outros artefatos culturais podem desempenhar papel constitutivo na elaboração e transformação da memória pública, fazendo-se espaço de reflexão sobre o vivido e instrumento contra o negacionismo e o apagamento das memórias de violências passadas (Mesquita, 2018, p.3)

A revisita ao passado por meio do elemento fantástico da viagem no tempo produz, por outro lado, uma contra memória que confronta o apagamento do violento processo de transformação socioespacial.

3.1 Bom Jesus da Lapa: espaço urbano e memória

Segundo a pesquisadora Carla Mariani (2023), na última década, a cidade de Bom Jesus da Lapa, situada na região oeste da Bahia, com população estimada de 74.040 pessoas, segundo dados IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), viveu processos de remodelação do seu tecido urbano, expresso nas recentes e intensas obras de infraestrutura. O projeto de cidade que é implementado pelos binômios da demolição/construção, concentrados, especialmente, no centro da cidade, resulta no apagamento de edificações que compõem a história do local e por muito tempo habitaram a paisagem e o imaginário de conterrâneos e visitantes. A autora registra que, entre os anos de 2019 e 2020, cerca de 40 imóveis locados no centro da cidade foram desapropriados e demolidos, incluindo a praça principal que recebeu um novo projeto urbanístico, sem árvores e lugares de socialização, tornando-se um espaço monumental que abriga estátuas inspiradas em uma estética romana.

Marilena Chauí (1994) no prefácio do livro “Memória e Sociedade” de Ecléa Bosi, afirma que ao destruir a materialidade da memória, “a sociedade capitalista bloqueou os

caminhos da lembrança, arrancou suas marcas e apagou seus rastros”. “Pé do Morro”, portanto, discute sobre os processos de transformação no espaço urbano ligados ao direito e construção da memória, hiperbolizando o fato, à medida que faz desaparecer o principal ponto histórico e turístico da cidade, lugar que a constituiu: o Morro. Articular a memória antepassada com a história presente foi um dos marcos norteadores deste trabalho, na tentativa de fabular um futuro em meio aos lampejos do passado.

Nessa perspectiva, o processo observado na cidade de Bom Jesus da Lapa, que é tema do roteiro, assemelha-se com o “anjo da história”, de Walter Benjamin (1983). Benjamin analisa o quadro de Paul Klee, *Angelus Novus*, de “um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente” (1983, p.226), e afirma ser uma tempestade que o impele para frente, isto é, para o futuro. O autor vai batizar a tempestade de progresso. À face do exposto, é o ato de olhar fixamente para o passado que interessa a esse projeto. Essa ação pressupõe uma linha não linear do tempo, entrecruzando passado, presente e futuro. O roteiro segue essa lógica e projeta o futuro em meio aos lampejos do passado. O cinema, então, foi aqui entendido como gerador de uma experiência estética que resulta em um efeito de rememoração.

3.2 Referências estéticas e filosóficas

Para desenvolver o roteiro é necessária uma dedicação à pesquisa, parte integrante do processo criativo do dramaturgo. O roteirista e pesquisador Francisco Malta (2018) define o trabalho da pesquisa como “um dos pilares fundamentais para a realização do roteiro” (p.1). Para a construção de “Pé do Morro”, ela se desenvolveu através da pesquisa iconográfica, com foco em longas e curtas-metragens de ficção-científica e fantasia. Houve uma predileção, ainda, por produções nacionais, tendo em vista o contexto político-social no qual estou inserida, de um cinema terceiro-mundista. À vista disso, as referências estrangeiras serão objetos transfigurados, na medida em que, como assinala Jairo Ferreira (1986), o realizador “utiliza-se de todos os recursos existentes e os transfigura em novos signos em alta rotação estética” (p.27). A pesquisa desenvolveu-se em duas etapas: a primeira pré-escrita, no momento de concepção da ideia e a segunda durante a escrita dramaturgica.

Na primeira etapa, a pesquisa guiou-se por duas linhas. A primeira investigou produções que foram desenvolvidas com alguma inspiração em histórias de tradição oral. O

levantamento conta com os títulos: os curtas-metragens *A estória da figueira* (Julia Zakiam, 2006), inspirado em uma música popular luso-brasileira de mesmo nome; *A menina do Algodão* (Kleber Mendonça Filho, 2003), inspirado na lenda urbana que assombrava as escolas do Recife, nos anos 70; *Vinil Verde* (Kleber Mendonça Filho, 2004), inspirado na fábula infantil russa Luvras Verdes; *Guará* (Fabricio Cordeiro, Luciano Evangelista, 2018), inspirado na lenda do lobisomem do estado brasileiro de Goiás; e os longas-metragens *Diablo Rojo* (Sol Charlotte e J. Oskura Nájera, 2019), filme do Pananá inspirado em lendas populares da região; *Não Devore Meu Coração* (Felipe Bragança, 2017), adaptação de contos escritos por Joca Reiners Terron com aspiração folclórica; *Border* (Ali Abbasi, 2018), que desenvolve um drama diante da figura mitológica do Ogro, popular na Europa; e *Los Silencios* (Beatriz Seigner, 2018), que apresenta uma abordagem fantasmagórica da ancestralidade indígena em um povoado na fronteira Brasil/ Colômbia/Peru.

A segunda guiou-se pela procura de filmes protagonizados por adolescentes e que possuam alguns dos gêneros que serão trabalhados neste roteiro (ficção-científica, fantasia, fábula) como parte constituinte ou auxiliar da narrativa. São eles: *Eu e meu guarda-chuva* (Toni Vanzolini, 2010), fantasia que trabalha com elementos como diferentes dimensões e tempos narrativos; *Um Filme de verão* (Jô Serfaty, 2019), documentário protagonizado por adolescentes, que faz alusão aos “filmes de verão” estadunidenses consumidos pelos brasileiros durante as férias; *A.I. - Inteligência Artificial* (Steven Spielberg, 2001), um filme-fábula, adaptação em ficção-científica do conto do pinóquio.

Durante o processo de escrita, no entanto, outro viés de pesquisa foi incorporado, composto de produções que davam foco à cotidianidade, aos personagens e que tratavam o elemento fantástico como fato naturalizado, apostando também na construção de uma atmosfera de estranhamento. Foram elas: *Marte Um* (Gabriel Martins, 2021), um filme-cotidiano, como muitos da Filmes de Plástico - produtora audiovisual de Minas Gerais-, dá foco no desenvolvimento das personagens, com atribuição de relevância para cada arco; *Pequena Mamãe* (Céline Sciamma, 2021), trabalha com o elemento fantástico da viagem no tempo de forma naturalizada, tratando temáticas sobre tempo e memória antepassada. *Histórias que só existem quando lembradas* (Julia Murat, 2011), cotidiano de uma cidade interiorana e os fantasmas do passado que a compõe, alteradas com a presença de uma personagem que personifica o presente e projeta uma ideia de futuro; *Picnic na Montanha Misteriosa* (Peter Weir, 1975), o Hanging Rock, lugar em que as alunas vão em excursão e

desaparecem, é bastante parecido com o Morro da Lapa. As pedras de calcário contrastam com a leveza pueril das meninas do colégio vitoriano, e causam uma atmosfera de estranheza, criando uma sensação de perigo iminente e uma opacidade, todas em mesmo grau de importância.

Além das referências fílmicas, “Pé do Morro” foi criado a partir de memórias da infância, minhas e de familiares e amigos. O processo de pesquisa iniciou com o Projeto Arrudeio, que coordeno com Carla Mariani, desde 2021. Nele escutamos pessoas que possuem alguma relação afetiva com lugares da cidade. Alguns personagens são junções de pessoas que vi, ouvi ou convivi ao longo da minha morada em Bom Jesus da Lapa. O poeta, Zé de Biró, por exemplo, foi inspirado em algumas figuras “folclóricas” da cidade, pessoas que habitam o imaginário lapense e que fizeram parte de suas histórias. Arelado às memórias e estórias, estão músicas regionais, dentre elas as canções compostas por Paulo Araújo e Morão di Privintina, João Filho, Paulo Gabirú, Carlos Villela, Cevisa Harmonia, Sá e Guarabyra.

4 ATO TRÊS: A ESCRITA DRAMATÚRGICA

4.1 Concepção da Ideia

O processo de construção e desenvolvimento de “Pé do Morro” partiu de quatro vontades: primeiro, entender como o cinema pode ser aparato de rememoração, através da apropriação dos códigos dos gêneros do cinema fantástico; segundo, traçar o nexo entre cinema e tradição oral, a partir da representação de mitologias em imagens em movimento; terceiro, identificar as mudanças no espaço urbano de pequenas cidades, questionando como o progresso científico também é um fator de mudança nas relações espaciais; e, por último, ser narrado em primeira pessoa, isto é, construir imagens do e sobre o sertão, a partir de um olhar nativo, sem vícios e chavões dos olhares estrangeiros.

A cidade escolhida, Bom Jesus da Lapa, minha terra natal, foi constituída por mitologias, e cresceu no entorno de um morro de calcário, onde hoje abriga o Santuário do Bom Jesus, sede da terceira maior romaria do Brasil. Para a história oficial, contabilizada nos documentos das autoridades, um monge português, após ter uma visão espiritual, saiu em peregrinação de Salvador até a cidade do Médio São Francisco, levando em suas mãos a imagem do Jesus crucificado. Aos poucos, pessoas foram ocupando a região, guiadas pela fé

no Bom Jesus. A região já era habitada pelos povos indígenas Tapuias, todavia, o povoamento só veio a tomar impulso com a chegada de Francisco de Mendonça Mar, em 1691.

A história, porém, não finda com a chegada do peregrino às terras banhadas pelas águas do Rio São Francisco. Os ditos populares afirmam que o monge fez morada em uma das grutas do morro, onde viveu ao lado de uma onça e de uma serpente com asas. A mitologia, então, faz parte da identidade cultural da cidade, e, pensando nisso, resolvi criar uma história que se aproximasse dos registros lendários, adaptando-os para a linguagem audiovisual, sobretudo, para o gênero fantástico. Daí, surgiram os dois principais elementos: a viagem no tempo e o desaparecimento inexplicável do morro.

A princípio, um filme povoou minha memória, *Um filme de Verão* (2019), de Jô Serfaty. Meu desejo, a partir de então, era construir um filme que flertasse com todos os filmes que eu assistia durante as minhas férias, meus feriados, meus dias doente, em que passava as tardes em casa a consumir telefilmes. Os meus preferidos eram os de aventura e de fantasia, mas todos eram demasiados distantes da cotidianidade de uma menina sul-americana e interiorana.

A aventura de Nina, Pipo e Júnior, crianças comuns, que vão à escola, que brigam com a irmã, que sentem vergonha, hesitação e brilham os olhos ao lidar com o deslumbre do desconhecido, surge como meio de fornecer ao público jovem a possibilidade do sonho. Mais próximos da representação nas telas, uma geração terá maiores chances de fabular seus futuros.

4.2 Público-alvo

A pesquisadora Dora Carvalho, em texto publicado no livro *Confabulações Imaginárias* (2019), reflete sobre o consumo de narrativas na pós-modernidade e cita Umberto Eco (1994), particularmente quando ele diz que “numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história” (ECO, 1994 *apud* CARVALHO, 2019, p. 70). No cinema, portanto, o leitor torna-se espectador.

Nesse sentido, entendendo a importância atribuída para esta definição, “Pé do Morro” pretende atingir o público adolescente, entre os 12 e 15 anos de idade. Seguindo a classificação proposta pelo Critério Brasil, pretende-se atingir um público que possua nível de

escolaridade entre o Fundamental completo e Médio Incompleto, do estrato socioeconômico B2 e C1, que corresponde, respectivamente, às faixas salariais médias de R\$ 5.755,23 e R\$ 3.276,76. Dentre os 6 estratos definidos pelo Levantamento Socioeconômico (LSE) de 2021 do Kantar IBOPE Media, os dois estratos citados ocupam a quarta e terceira posição no ranking de maior porcentagem na região Nordeste, localidade que assume centralidade para distribuição da obra, com 9,2% e 14,7%, respectivamente. Não há pretensão de atingir um gênero específico.

4.3 Universo Ficcional

Com a concepção da ideia estruturada e o público-alvo definido, passei a elaborar o universo ficcional onde a história seria desenvolvida. O direcionamento partiu de um ponto-chave: representar um sertão urbano. “Pé do Morro” se passa em Bom Jesus da Lapa e, nesse caso, a criação do mundo ficcional foi útil para descrever a forma como essa cidade seria retratada.

Com a inserção de cenas cotidianas, do fluxo de carros e pessoas nas ruas, às descrições dos espaços e objetos de cena, seja a indicação de semáforos, smartphones e projetores em sala de aula, o espectador poderá inferir, não apenas o período histórico no qual a história é narrada como o nível de desenvolvimento urbano e tecnológico da cidade.

Alguns espaços diegéticos assumiram relevância no processo de construção do universo, sobretudo, ao considerar os dois tempos narrativos em que a história se desenvolve. Dentre eles estão: a praça da cidade, no passado terá um coreto e sempre estará movimentada, crianças brincando, músicos tocando no coreto, vendedores ambulantes, bastante frequentada pela cidade, um lugar de encontro e não mera passagem fotográfica, no presente uma praça monumental, sem árvores e lugares de socialização; o morro, no passado um lugar que centraliza as dinâmicas da cidade que cresce no seu entorno, no presente uma ausência ou uma presença invisível, uma atmosfera de estranheza e deslumbramento construída gradativamente, e culmina no seu reaparecimento.

4.4 Argumento

Doc Comparato (2009) define a escrita do argumento como o momento de conhecer melhor as personagens, anteriormente perfiladas (ANEXO A). Quando escrevi o argumento,

não apenas descobri minhas personagens como também conheci melhor minha história. Uma história que, vale ressaltar, já foram muitas. As primeiras sinopses (ANEXO B) e o primeiro argumento apostavam em uma aventura juvenil clássica, linear e estruturada em três atos: o primeiro de apresentação e ambientação da história, o segundo de surgimento do conflito e o terceiro de resolução do conflito, seguindo a estrutura formulada por Syd Field (1995).

Após a escrita da segunda versão do argumento (ANEXO C), porém, uma nova estrutura criou forma. Foi quando fui encorajada pelo professor Fábio Sadao, meu então orientador, a embarcar em uma narrativa onírica, mais interessada em explorar o modo como os protagonistas lidam com o desconhecido do que com a lógica do conflito e sua resolução. Foi então que dediquei a escrita ao retrato de uma experiência, dividida em três diferentes perspectivas, isto é, na perspectiva de Nina, de Pipo e de Júnior.

4.5 Escaleta e Roteiro

Após a escrita do argumento, com a história bem estruturada, segui para a organização de suas unidades dramáticas com a confecção da escaleta (ANEXO D). Escrever a escaleta e visualizar a cenas do roteiro foi um importante processo para entender o ritmo e a cadência da narrativa, facilitando o processo final de escrita que culminou na produção do roteiro de longa-metragem.

A escrita do roteiro, por sua vez, foi dividida em duas partes, conforme cronograma estipulado em conjunto com meu orientador Adil Lepri. Concordamos que o processo de criação fluiria melhor se intercalássemos com a pesquisa bibliográfica e a escrita desta memória. A primeira parte foi desenvolvida até a primeira viagem do tempo, desta forma, tive tempo de dedicação para construir a ambientação do universo e a apresentação das personagens, bem como para desenvolver uma importante cena do primeiro terço do roteiro, a cena 08, introduzindo um clima mais leve que tinha como intenção.

A segunda e última parte foi mais longa e demandou uma maior pesquisa, visto que detinha uma considerável quantidade de cenas que reproduziam um tempo histórico específico. Foi nesse processo que mergulhei com maior profundidade na história da cidade e nas referências regionais, para que pudesse construir uma narrativa que ao passo que mira no onírico e fantasioso, guardasse consigo um traço de verdade, firmado na vivência e na reprodução de um modo de vida interiorano.

5 CONCLUSÃO

A minha trajetória acadêmica iniciou-se na graduação em Artes, com ênfase em Cinema e Audiovisual. A escolha por continuar os estudos na área da comunicação, especificamente, no Jornalismo guiou-se pelo apreço por construir narrativas, para oferecer aparatos de inteligibilidade e auxiliar na elaboração e desenvolvimento de uma comunicação clarividente. Nesse sentido, formular e escrever um roteiro cinematográfico como trabalho de conclusão de curso foi a intersecção dos caminhos traçados por mim, na medida em que em um só ofício minha maior aspiração: narrar o mundo. Escrever um roteiro é, sobretudo, contar histórias.

Ciente do lugar de onde parto - o de uma mulher sertaneja e ribeirinha -, meu exercício como dramaturga urgiu da vontade de transpor para telas representações de um sertão pelos olhos de quem de lá é, a partir de estórias ouvidas desde a infância, das paisagens reconhecíveis diante dos olhos pueris e contada pelo povo que me antecede.

Neste sentido, a criação de “Pé do Morro” teve como principal interesse fazer ecoar histórias pouco reconhecíveis pelos sentidos sulistas e sudestinos, assim como metropolitanos, proporcionando o sentimento de identificação ao criar imagens do sertão para aqueles que vivem ou viveram diante de suas paisagens secas, do sol bruto e da beleza do povo guiado por fé e coragem.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Rick. **A Semantic/Syntactic Approach to Film Genre**. Cinema Journal, Vol. 23, No. 3. Spring, 1984, p. 6-18.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito da história**. In: Magia e técnica, arte e ciência: obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 222–232.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DOURADO, Patrícia. **O plano de voo e o voo: roteiro e experimentação**. In: Confabulações imaginárias. Org.: Gláucia Davino. São Paulo, Corpo Texto Editora, 2019, p.3-14.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **Reflexões de um roteirista**. Contracampo – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Vol 10/11, Niterói: 2004, pp. 99-110.

CARVALHO, Dora. **O consumo das narrativas na pós-modernidade e os sujeitos como coprodutores de histórias.** In: Confabulações imaginárias. Org.: Glaucia Davino. São Paulo, Corpo Texto Editora, 2019, p. 69-82

COMPARATO, Doc. **Da Criação Ao Roteiro.** São Paulo, SUMMUS Editorial, 2009.

EISENSTEIN, Sergei. **The Form of the Script.** In: Selected Works, vol. 1: Writings, 1922–34, trans. and ed. Richard Taylor (London: BFI, 1988), p. 134–35.

IMARISHA, Walidah et al. (Ed.). **Octavia's Brood: science fiction stories from social justice movements.** AK Press, 2015. (Trad) Jota Mombaça. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça, Caderno de Oficina de Imaginação Política, 2016.

MALTA, Francisco. **A pesquisa como fonte e suporte na elaboração do roteiro cinematográfico.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Belo Horizonte, MG, 2018.

MARIANI, Carla. **Do “arrudeio” no bairro à concepção de um arquivo urbano: Trajetos teórico-metodológicos de pesquisa.** 2023. Trabalho apresentado no XII Colóquio Internacional de Direito e Literatura, Brasília, 2023.

MARTINS, Índia Mara; MEDEIROS, Theresa Christina Barbosa de. **Perspectivas para refletir sobre o novo realismo a partir da representação do espaço e da atmosfera sobrenatural em Quando eu era vivo.** Rebeca. , v.8, p.213 – 237, 2020. Disponível em: <<https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/611>>.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação. cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro, Editora UFRJ. 1997

MCKEE, Robert. **Story: Substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro.** Curitiba, Arte e Letra, 2006.

MESQUITA, Cláudia. **O presente como história – estéticas da elaboração no cinema brasileiro contemporâneo.** Anais da COMPÓSXXVII, 2018, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_2NKMPPW1CFX14EJ10B EJ_27_6219_26_02_2018_07_23_01.pdf

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Proj. História, PUC-SP, n. 10, dez. 1993. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>.

PASOLINI, Pier Paolo. **O roteiro como "estrutura" que quer ser outra "estrutura".** Esferas, ano 11, vol. 2, nº 21, maio-agosto de 2021.

RAMOS, José Mário Ortiz. **A questão do gênero no cinema brasileiro.** Revista USP0, no. 19 (novembro 28, 1993): 109-113.

SAN MARTÍN, Patricia Torres. **La memoria del cine como extensión de la memoria cultural.** Revista Culturales, vol. 2, nº 4, julho-dezembro de 2006.

SILVA, Fabrício Basílio Pacheco da. **“Não pode ser, mas é”**: fronteiras do sobrenatural no cinema brasileiro contemporâneo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SUPPIA, Alfredo. **Limite de Alerta! Ficção Científica em Atmosfera Rarefeita: Uma introdução ao estudo da FC no cinema brasileiro e em algumas cinematografias off-Hollywood**. Campinas, SP: Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, 2007.

SUPPIA, Alfredo Luiz. **Indagações sobre Gêneros Cinematográficos e Audiovisuais: religando alguns pontos**. Revista GEMInIS, v. 12, n. 2, mai./ago. 2021, p. 251-275,

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 4ª Ed. São Paulo, Cosac Naify, 2014.

7 REFERÊNCIAS FÍLMICAS

A ESTÓRIA DA FIGUEIRA. Direção: Julia Zakiam. Brasil: 2006.

A MENINA DO ALGODÃO. Direção de Kleber Mendonça Filho. rodução de CinemaScópio; Símio Filmes. Brasil: 2003.

A.I. - INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. Direção: Steven Spielberg. Produção de Warner Bros; Dreamworks Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2001.

BORDER. Direção: Ali Abbasi. Produção de Meta Film Stockholm; Black Spark Film & TV; Kärnfilm. Suécia/Dinamarca: TriArt Film, 2018.

DIABLO ROJO. Direção: Sol Charlotte e J. Oskura Nájera. Produção de Panama Horror Film Company. Panamá: Prolatsa, 2019.

EU E MEU GUARDA-CHUVA. Direção: Toni Vanzolini. Produção de 2 Pilots Filmproduktion; Conspiração Filmes. Brasil: 20th Century Fox Brazil, 2010.

GUARÁ. Direção: Fabricio Cordeiro e Luciano Evangelista. Brasil: 2018.

HISTÓRIAS QUE SÓ EXISTEM QUANDO LEMBRADAS. Direção: Julia Murat. Produção de Taiga Filmes. Brasil: 2011.

LOS SILENCIOS. Direção: Beatriz Seigner. Produção de Enquadramento Produções; Ciné-Sud Promotion; Día Fragma Grupo Cultural; Miríade Filmes. Brasil/França/Colômbia: Vitrine Filmes, 2018.

MARTE UM. Direção: Gabriel Martins. Produção de Filmes de Plástico; Canal Brasil. Brasil: 2021.

NÃO DEVORE MEU CORAÇÃO. Direção: Felipe Bragança. Produção de Canal Brasil; Duas Mariola Filmes; Globo Filmes; Mutuca Filmes; Revolver Amsterdam. Brasil: Fênix Distribuidora de Filmes, 2017.

PEQUENA MAMÃE. Direção: Céline Sciamma. Produção de Lilies Films. França: Pyramide Distribution, 2021.

PICNIC NA MONTANHA MISTERIOSA. Direção: Peter Weir. Produção de British Empire Films Australia. Austrália: British Empire Films Australia, 1975.

UM FILME DE VERÃO. Direção: Jô Serfaty. Produção de Fagulha Filmes. Brasil: 2019.

VINIL VERDE. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção de CinemaScópio; Símio Filmes. Brasil: 2004.

8 ANEXOS

ANEXO A

PERSONAGENS

Principais

Pipo (Felipe): Menino preto, estatura baixa, 12 anos, mora com a família, o pai, Tadeu, a mãe, Jussara, e a irmã mais velha, Antônia. Estuda em escola particular, é calado e muito parceiro. Fala o que sente, consegue elaborar bem seus sentimentos. Tem sonhos bem definidos, entrar para faculdade de engenharia. É quem une o grupo.

Júnior: Menino pardo, gordo, 12 anos, criado pela avó, Dona Vera, e amigo de rua de Pipo. Intuitivo, gosta de games - especificamente os mobile - e futebol, mas muda de gostos rapidamente. Gosta de inventar história e contar vantagem, por isso os amigos não dão muito crédito a ele. Tem muita autonomia, anda na rua sozinho para resolver coisas da casa e atender pedidos da avó. É em uma dessas andanças na rua que descobre o portal, ao se abrigar na biblioteca pública.

Nina: Menina preta, estatura alta, 12 anos, falante, criativa e debochada, mas extremamente correta, o que a torna um pouco chata. Sempre inventa algo novo, adora ler gibis e ver filmes. Vive com o pai, Gabriel, que é advogado. Colega de turma de Pipo.

Secundários

Antônia: Menina preta, 17 anos, bissexual, irmã mais velha de Pipo. Articulada e observadora. Tem um romance com Ary, jovem aprendiz que cuida da biblioteca, por isso vive reservando livros. A princípio, não dá muita atenção ao irmão, mas após a primeira viagem das crianças ao passado, passa a encorajar o grupo e os ajudam a retornarem ao portal.

Zé de Biró: Poeta de rua, 55 anos, mas aparenta ser mais velho. Figura presente em todos os tempos narrativos. No presente, cita em suas poesias a romaria, o morro e acusa um grupo político de destruir a cidade. No passado, suas poesias preveem o desaparecimento do morro e da romaria. No terço final, seu cordel torna-se a narração da trama, que apresenta a história da cidade através da aventura de três crianças ao pé do morro.

Ary: Menina parda, 18 anos, lésbica, bastante séria. Usa roupas largas, agênero. É jovem aprendiz na biblioteca, por estar ali apenas para cumprir seu horário, nunca se interessou em desbravar o espaço, ainda mais porque é explorada, exerce a função sem supervisor e em horário dobrado. Estuda a noite por conta do trabalho. Tem um flerte com Antônia, com quem é mais doce e engraçada. Personagem do presente, ajudará o grupo com a entrada na biblioteca e, por conseguinte, no portal.

Dona Vera: Mulher parda, 60 anos. Personagem do passado, professora da escola São Francisco. Independente e agitada, sempre está fazendo muitas coisas ao mesmo tempo. No presente, a avó de Junior, Dona Vera, dona de casa, pouco sai às ruas.

Gabriel: Pai de Nina, homem preto, 35 anos, advogado. Pai amoroso, homem divertido e companheiro, sempre embarca nas invenções da filha. Não nasceu na cidade, mas é querido por muitos, incluindo Zé de Biró.

Armando Cruz e Souza: Homem branco, estatura baixa, 50 anos, anda sempre engomado. Carismático, tenta camuflar seu sotaque sulista com gírias nordestinas mal-empregadas. No passado, um forasteiro que chega na cidade na época da romaria prometendo um futuro melhor. Arma um estande na praça principal para vender suas promessas. No presente, será o prefeito que influencia, coordena e ordena tudo o que acontece na cidade.

Neto Souza: Filho de Armando, homem branco, 25 anos, estatura alta, pinta de galã. Mas pouco fala, quando abre a boca gagueja frases de efeito sem sentido. Suas reações são nada naturais, quase robóticas. Possui pouca discrição, o que faz Nina desconfiar dele.

Tadeu: Homem pardo, 45 anos, contador. Um bom leitor, sempre bem-informado, sempre traz uma notícia para a família, porém fala pouco sobre política. No passado, fazia parte de grupos de jovens, também era engajado na escola, participava do grêmio estudantil, lá que conheceu sua esposa, Jussara.

Jussara: Mulher preta, 40 anos, concursada. Passa a maior parte do tempo trabalhando. Em casa, em mais uma jornada de trabalho, muitas vezes não está atenta às conversas dos filhos ou do marido que, vez ou outra, precisam repetir o que fala. Paciente e divertida.

Seu Nô: Homem branco, 70 anos, de cabelos e bigodes volumosos, sempre usa camisa de botão e calça alfaiataria, independente da ocasião.

Norma: Mulher branca, 50 anos, de cabelos tingidos de loiros, diretora da escola Inove. Tem um tom de voz extremamente alto e veste roupas e acessórios extravagantes.

Diana: Mulher branca, 30 anos, professora da Escola Inove. Obediente ao ponto de ser boba, segue as regras da escola à risca.

Secretária do prefeito: Mulher branca, 30 anos, espécie de mulher troféu, bela, recatada e elegante.

ANEXO B

SINOPSE

Na véspera da data de celebração do Grande Dia, uma chuva torrencial, em tempo de estiagem, surpreende os moradores de uma silenciosa e pequena cidade do sertão baiano. No mesmo dia, Júnior, um garoto de 12 anos, descobre, ao se abrigar na velha Biblioteca Municipal, um portal que o mostra acontecimentos do futuro. No dia seguinte, ele e seus dois amigos, Nina e Pipo, cruzam o portal que, no entanto, leva-os para o passado. Eles descobrem, então, que algo da cidade desapareceu: um grande morro de calcário. De volta ao presente, ninguém parece dar conta do desaparecimento. É então que com a ajuda de Ary, jovem aprendiz que trabalha na Biblioteca, e Antônia, irmã mais velha de Pipo, as crianças retornam ao portal movidas pela bisbilhotice e curiosidade de saber a razão do esquecimento. Ao cruzarem o portal novamente, as crianças imergem em uma aventura em meio às lendas e cotidianidade de uma cidade ribeirinha e sertaneja e descobrem que o Morro, na verdade, abriga um santuário de crença popular e movimentada uma romaria de séculos que atrai milhares de peregrinos. O desaparecimento do morro levou ao esquecimento de toda a história da cidade, agora engolida pelo progresso, desde o Grande Dia. Entretanto, há alguém que se

lembra de tudo: Zé de Biró, poeta de rua, que transita entre os dois tempos, passado e presente, e quem narra a história da cidade por meio de cordéis. Enquanto presenciam, pela primeira vez, a romaria, paralelamente, é celebrado o Grande Dia. Porém, a comemoração é interrompida por uma nova chuva, que cai sobre a cidade no momento em que as crianças cruzam o portal de volta. O mesmo dia se repete, é dia da romaria, há procissão, festejos e música. As crianças e seus familiares participam, no entanto, não se conhecem mais, e iniciam na praça da cidade uma nova amizade.

ANEXO C

ARGUMENTO

"PÉ DO MORRO"

ARGUMENTO

II Tratamento

Década de 1970. Um menino corre por entre corredores compostos de pedras de calcário. Passamos a ver os corredores a partir do ponto de vista do menino que desvia de galhos secos, salta pequenas fissuras entre as rochas e escala pedras pontiagudas de um morro. Sons de pássaros, ventos e pessoas conversando algo ininteligível. O menino chega até o pico do morro e se desequilibra.

Paralelamente, ao pé do morro, uma senhora lava roupas no rio e um pescador está em um pequeno e precário barco, ele prepara uma rede para lançar nas águas. A senhora canta uma música em louvor ao Bom Jesus da Lapa. No barco, um pequeno aparelho de rádio gravador toca a mesma melodia acompanhada de um cordel que fala sobre a memória de um povo. Quando olha para cima, a senhora avista uma figura amorfa, flutuando lentamente no ar como uma folha. De repente, um forte barulho. Algo cai no rio e espirra água pelos cantos. De pronto, o pescador lança a rede na água e quando a puxa, lá está um menino, sentado entre os fios de nylon, ileso.

Segunda década dos anos 2000, cidade do sertão baiano. Pipo, um menino de 12 anos, preto e esguio, com uniforme do Colégio Inove, olha para o céu e tenta manter os olhos abertos enquanto o sol incide sobre seu rosto. Uma buzina o assusta. Sua irmã, Antônia, preta, de 17 anos, está sentada no banco do passageiro

de um carro popular e o chama. Pipo entra na parte traseira do carro.

Em uma bicicleta, Júnior, 12 anos, pardo e gordo, com uniforme da Escola Municipal Henriqueta Cruz e Silva, está em cima de uma calçada e se equilibra com apenas uma mão no guidão, enquanto segura uma pequena maquete com o planeta Terra ao centro. O carro em que Pipo e Antônia estão passa por Júnior e Jussara, preta, 40 anos, mãe dos meninos, e quem está dirigindo buzina, alertando Pipo sobre a presença do seu amigo. Os garotos se cumprimentam. Dona Vera, mulher parda, 60 anos, avó de Júnior, sai de casa com uma vasilha e guarda na mochila do neto.

O carro segue por ruas asfaltadas, um pequeno fluxo de motocicletas e carros, alguns estão parados no semáforo. Pessoas circulam nas ruas e usam smartphones. Nina, menina preta, 12 anos, com o uniforme do Colégio Inove, sai de uma mercearia com algumas sacolas nas mãos e sobe na garupa de uma grande e moderna motocicleta, quem pilota é seu pai, Gabriel, homem preto, 35 anos, usa roupa social. Vemos um grande outdoor com uma fotografia de Armando Cruz e Silva e Neto Cruz e Silva, homens brancos, 50 e 25 anos, respectivamente, que anuncia a celebração do GRANDE DIA, marcada para o dia 06 de agosto, no dia seguinte. Próximo ao outdoor, Zé de Biró, homem pardo, 55 anos, poeta de rua, caminha com inúmeros cacarecos e um guarda-chuva aberto. A motocicleta passa por Zé de Biró, Gabriel buzina e o poeta o cumprimenta levantando as mãos. Na rádio ligada no carro, Armando Cruz e Silva convida a população para a celebração, seu sotaque sulista se mistura com gírias nordestinas mal-empregadas.

Pipo e Antônia descem do carro e entram no Colégio Inove. Em seguida, a motocicleta para. Nina desce da garupa e bate nas mãos de seu pai, em uma espécie de cumprimento corriqueiro entre ambos, eles sorriem e ela entra no colégio.

Na sala de aula, uma imagem que reproduz uma lousa é projetada na parede, na parte superior está escrito "História". Diana, uma mulher branca, 30 anos, fala sobre a construção dos estados brasileiros. Diana fala mecanicamente e sempre conjuga os verbos no futuro do pretérito. Pipo e Nina estão sentados na sala. Nina levanta a mão e questiona sobre a origem da cidade em que moram, Diana se desconcerta, parece não saber a resposta, um sinal apita e ela retoma a explicação do zero.

Uma trovoadá ressoa. Pessoas saem na porta dos comércios e olham para o céu. No semáforo, pessoas nos carros e

motocicletas parados repetem a ação. O céu está limpo, a cidade é plana e há alguns edifícios apequenados, em sua maioria brancos e acinzentados. Em uma grande praça, com mármore e plantas de pequeno porte, Seu Nô, um senhor de 70 anos de cabelos e bigodes brancos, caminha se protegendo do sol escaldante e lida com estranheza com o fato de ouvir uma trovoadas em tempo de estiagem. Zé de Biró caminha pelas ruas, enquanto anuncia que o passado se abrirá. Ele continua com um guarda-chuva aberto.

Uma forte ventania faz bater algumas portas de estabelecimentos comerciais. Ary, jovem parda, 17 anos, que veste roupas largas e possui piercing no rosto, destranca a porta principal da biblioteca municipal com dificuldade, segura um capacete, uma penca de chaves, olha o celular freneticamente e entra apressada.

Jussara entra no pequeno supermercado. Dona Vera se aproxima do caixa. Todos no conversam sobre a chuva. Dona Vera fita o céu preocupada e se apressa.

No Colégio Inove, Pipo observa o céu, enquanto Nina lê o quadrinho Cumbe, de Marcelo D'Salete. Vemos o ponto de vista de Pipo, uma figura amorfa flana no ar. Pipo diz que os ventos estão estranhos. Pouco distante, Antônia está com um grupo de amigas e amigos, ela se despede deles, se aproxima das duas crianças e chama o irmão. Antônia e Pipo se despedem de Nina. Enquanto caminham em direção à saída da escola, uma buzina toca e Nina se levanta, reconhecendo a motocicleta do pai. Da porta, Pipo confirma que Gabriel, pai de Nina, chegou.

Na biblioteca municipal, Ary vê fotos de um grupo de meninas em uma página de rede social aberta no computador, uma delas é Antônia. Um forte vento abre uma das janelas com força, seguido de um barulho. Ary se levanta, olha pela janela, pendurada em uma das extremidades da janela está uma fita verde. É possível ver uma pequena fissura na madeira. No chão, abaixo da janela, um emaranhado de papéis amarelados. Ary pega a fita, os papéis e os guarda.

O sol está se pondo, e em frente à escola municipal Henriqueta Cruz e Silva, Júnior está montado em sua bicicleta. É possível ver uma parte da maquete do planeta Terra, amarrotada, saindo da sua mochila. Júnior segue com sua bicicleta pelas ruas. Uma nova trovoadas ressoa e, concomitante ao som, um grosso pingo de chuva cai sobre a maquete de Júnior, fazendo escorrer a tinta que coloria o planeta Terra. Os pingos aumentam rapidamente, o

céu antes alaranjado é tomado por um azul acinzentado. Não há pessoas nas ruas. Escassos carros passam. Júnior pedala com ligeireza, mas a chuva torna-se torrencial. Os comércios estão fechados e a única edificação aberta é um casarão antigo, onde funciona a biblioteca municipal. Júnior entra na biblioteca.

O salão principal da biblioteca tem algumas mesas e cadeiras. No balcão, virada de costas, Ary conversa por vídeo chamada com Antônia. Júnior passa em frente ao balcão, Antônia o vê e alerta Ary. A jovem olha o garoto encharcado de forma blasè, e posteriormente se dá conta que está caindo um toró na cidade. Ela se despede de Antônia, encerra a ligação, se levanta e vai fechar as portas. Júnior começa a perguntar sobre o trabalho de Ary, diz que a avó sempre fala para ele ser jovem aprendiz e pergunta se a internet de lá é boa o suficiente para jogar. Ary continua fechando portas e janelas. Quando Júnior para, eles se olham por instantes, e Ary constata que não se lembra de ter visto uma chuva tão forte como aquela. Júnior compartilha da mesma ausência de lembrança. Ary oferece um pano para Júnior se secar. Júnior pergunta de onde Ary conhece Antônia, que desconversa, retomando o assunto da chuva. Desta vez, Ary ironiza ao dizer que todos da cidade parecem não lembrar, visto que não sobrou uma pessoa nas ruas. O som da chuva, que antes tomava todo o espaço, começa a ficar cada vez mais abafado e distante, e no intervalo de alguma trovoadas um barulho diferente vindo do interior da biblioteca chama a atenção dos dois jovens.

Júnior confere se Ary também escutou o barulho e questiona o que tem nas salas do interior da biblioteca. Ary tenta ludibriar o garoto, enviesando a conversa para assuntos referentes à função de jovem aprendiz, mas Júnior dá de ombros. Um forte relâmpago ilumina o salão. Segundos depois, não vem o som do trovão, mas sim o mesmo barulho de outrora.

Os jovens se inquietam, e Júnior se mostra, repentinamente, interessado no assunto da jovem aprendiz. Ary introduz a conversa, enumerando, em tom de sarcasmo, as vantagens que vão de exercer a função sem supervisor a cumprir horário dobrado. Mas logo é interrompida com inúmeras perguntas, incluindo a existência de outras salas na biblioteca e sugere um tour. A jovem diz não ser autorizada a entrar nas salas. Júnior questiona a sua falta de coragem, e se diz surpreso por Ary parecer menos covarde do que é. Ary se incomoda. Júnior reforça falando que sempre achou ela maneira pelas roupas e por 'ser do vale'. Ary vai para atrás do balcão, força a abertura de uma

gaveta, e ao conseguir abrir, pega uma chave pequena e enferrujada.

Ary abre a primeira porta, Júnior corre para acompanhá-la. Dão de cara com um pequeno corredor com estantes de ferro vazias. Uma melodia indecifrável e quase inaudível ecoa. Uma porta atrás de uma das estantes possui um escrito que diz "Arquivo". A melodia começa a ficar perceptível na medida em que os jovens se aproximam da porta.

Júnior insiste que eles precisam abrir a porta. Eles param em frente, o som é mais perceptível, e na medida em que a melodia se torna mais audível, Ary começa a falar datas, nomes de pessoas como Jussara, Tadeu, Vera, a idade dessas pessoas naquelas datas e conta ter sido dias de chuva. Júnior estranha, mas pega as chaves das mãos de Ary e continua. O garoto abre a porta, um clarão invade a sala, apenas Júnior vê o que está dentro dela. Um grito alto invade o espaço, Ary dá um grito agudo, é o toque do celular de Júnior. O garoto fecha a porta e guarda consigo a chave.

Júnior e Ary vão para o salão principal e o garoto atende o celular. É sua avó, Dona Vera, preocupada com sua demora. Ary percebe que já passou da hora de ir embora, passa das 19 horas. Não está chovendo, e Júnior pega sua bicicleta para ir embora. Ary pega sua mochila e acompanha Júnior até a saída. A porta da sala de arquivo está entreaberta. Os dois saem da biblioteca, Ary tranca a porta principal por fora e Júnior a avisa que voltará outra hora.

Em um sobrado, Nina se apoia no parapeito da janela do andar de cima. Vemos por meio de seu ponto de vista, uma rua larga asfaltada, com um passeio que a divide em duas vias, árvores médias ocupam o meio do passeio, a chuva deixou o asfalto mais escuro. Zé de Biró aparece, seu guarda-chuva continua aberto e ele fala coisas incompreensíveis. Ao chegar em frente ao sobrado em que Nina está, Zé de Biró a fita repentinamente e ela o cumprimenta. Um som de notificação de mensagem ressoa no quarto de Nina, que olha para o interior do cômodo, é possível ver o nome de Júnior na caixa de mensagem na tela do monitor. Quando retorna a olhar para rua, Zé de Biró não está lá.

Já é dia, Pipo está no quarto estudando, recebe uma mensagem no celular enviada por Júnior que diz estar pronto. Pipo responde com uma figurinha de expressão confusa e segue estudando. Seu pai, Tadeu, homem pardo, 45 anos, bate na porta, avisa que Júnior está na frente da casa à sua espera. Pipo ironiza a agonia do seu amigo, mas vai ao seu encontro. Antes de sair,

Tadeu orienta o filho a pegar um guarda-chuva, mas da calçada Júnior grita afirmando que não irá chover. Tadeu brinca sobre o garoto poder prever o futuro.

Os garotos caminham. Pipo tenta desvendar o motivo da urgência que Júnior tem para ir à biblioteca, mas suas perguntas não têm respostas. Pipo começa a falar sobre o dia anterior e de um objeto estranho que viu no céu. Um silêncio reina entre os garotos e no entorno. Uma mão segura os ombros dos garotos. Eles se assustam. É Nina, que aparece de surpresa e se diz curiosa com o que Júnior tem a mostrar.

Ao entrarem na biblioteca, Ary questiona a presença das crianças que nunca vão ali, e de maneira sarcástica avisa Júnior que ele precisa devolver algo, o garoto a ignora, e debocha das inúmeras mensagens que recebem de um user desconhecido no chat do jogo, fazendo entender que era Ary. Em seguida, alerta a jovem a fechar a página de uma rede social que está aberta no computador e abrir o formulário porque a visita dela virá devolver um livro. Ary insiste, Júnior se senta e conta até 3. Ao finalizar a contagem, Antônia entra na biblioteca, com um livro na mão. Nina, Pipo e Ary se surpreendem.

Ary confere a devolução do livro, enquanto divide o olhar entre Júnior, que ronda a porta de entrada para o corredor, e Antônia, que está confusa com a presença do irmão ali. Pipo e Nina folheiam alguns livros empilhados em uma das mesas, mas se distraem pelo zanzar inquietante de Júnior. Finalizado o processo de devolução, Antônia permanece na biblioteca. Os cinco seguem em curto silêncio, até que todos resolvem falar ao mesmo tempo. Pipo e Antônia questionam a presença dos dois. Nina diz não aguentar enrolação. Ary e Júnior gritam que a chave sumiu. Nina, Pipo, Ary e Antônia param. Júnior ri alto, afirmando que foi exatamente aquilo que ele viu. A declaração desperta a curiosidade de todos, e após insistências sobre como ele sabia que Antônia chegaria, como sabia que não iria chover e como sabia exatamente o que Ary falaria, Júnior declara que a chuva abriu um portal para o futuro dentro da sala de Arquivos. O silêncio toma conta da sala, seguido de risos. Todos debocham do garoto e o desafiam a mostrar.

Quando entram no corredor, a princípio, o silêncio toma conta do lugar, mas rapidamente o cenário se altera, ao passo em que se aproximam da porta. Ary permanece no corredor, Antônia percebe e fica com a jovem. Ao abrir a porta, Nina, Pipo e Júnior se deparam com uma paisagem diferente. Nina é a primeira

a cruzar a porta, seguida de Júnior e Pipo. Ary e Antônia os observam dentro da sala. Ary olha sempre para o salão principal.

Um grande pátio com árvores ao centro e bancos largos. No entorno, várias portas, cada uma é uma sala. O sino toca, crianças e adolescentes saem das salas. A maioria está eufórica, corre nos corredores. Outros formam grupos, uns sentam nos bancos, alguns ficam em pé escorados nas pilastras em frente às salas. As crianças conseguem se misturar na multidão de alunos. De uma das salas, Dona Vera sai, veste roupas elegantes e sapato de salto, segura pastas e papéis. De outra sala, Tadeu e Jussara saem abraçados. Os garotos estão atônitos. Um apito ressoa. Seu Nô tem cabelos e bigodes escuros, carrega o apito pendurado em um cordão em volta do pescoço, vai em direção a um grupo de adolescentes e diz para eles irem para casa que o feriado já começou. Os garotos continuam assustados, mas seguem o emaranhado de alunos que caminham pelos corredores. Nas paredes dos corredores estão fotografias datadas do século XX, entre 1960 e 1990.

As ruas são de paralelepípedos, os carros são poucos e antigos, todos os alunos caminham a pé. Árvores de copas robustas ocupam a frente das casas. Dona Vera entra em um carro. As três crianças continuam a caminhar, seguindo os grupos de alunos. Parte deles param em uma praça, incluindo Tadeu e Jussara. O lugar é arborizado, com bancos de madeira e um coreto ao centro.

Zé de Biró caminha na praça e cumprimenta a maioria das pessoas com quem cruza. Alguns alunos interagem com ele. Zé de Biró declama uma rima sobre o menino que caiu do morro e, enquanto conta o caso, aponta para os lugares onde teria acontecido cada evento. É quando as crianças se dão conta que existe um enorme morro com pedras de calcário que circunda todo o espaço, Nina questiona se aquilo sempre esteve ali. A praça está com um leve movimento de pessoas. Zé de Biró cumprimenta as crianças, reproduz o mesmo gesto que fez para Nina na noite da chuva e segue por entre as ruas. Nina quer ir atrás do poeta, mas um carro de carroceria com uma caixa de som acoplada passa com uma música e desperta a curiosidade das crianças, que caminham na direção do som.

A música torna-se cada vez mais distante. Crianças andam pelas ruas com suas bicicletas. Homens de meia idade jogam baralho em um botequim, outro homem está parado encostado em sua bicicleta. Um menino, 9 anos, sai do botequim com um litro de

KS de refrigerante, ele passa pelas crianças com uma das mãos recheadas de balas e uma delas cai. Pipo pega, faz que vai devolver, mas o menino está longe, ele guarda no bolso. Algumas senhoras caminham com terços nas mãos. Um carrinho de pipoca guiado por um senhor passa por eles, seguindo em direção ao coreto. Mais distante, um adolescente carrega uma vara repleta de algodões-doce coloridos. As crianças estão desorientadas, não sabem o que observar. Próximo ao coreto, um homem posiciona um galão de gás hélio e enche balões de formatos variados. A expressão de desconcerto de Nina, Pipo e Júnior se esvai, dando lugar ao encantamento, as crianças caminham pela praça, cada uma por um lado. Quando uma voz toma conta do espaço repetindo incessantemente a contagem de 1 a 3 e a frase "som, testando", as crianças caminham até o coreto. Gradativamente, a praça começa a encher de pessoas. Mais ambulantes vendem comida, um passa vendendo sorvete, outro cachorro quente. Homens fazem fila para tentar acertar uma torre de copos em frente a um pequeno gol. Há barracas de artesanato e roupas. Crianças correm no entorno, sobem e descem as escadas que dão acesso ao coreto. Casais de idosos estão sentados em bancos próximos. Um grupo de meninas adolescentes, extremamente arrumadas, caminham juntas rindo entre si. Embaixo de uma grande árvore, sentados em um banco, um jovem casal troca carícias. Cada vez mais pessoas ocupam o espaço. O sol está se pondo, luzes são acesas em toda a praça, canto de pássaros pode ser ouvido. Um sino toca, o som vem na direção do morro. As crianças procuram de onde vem o som, e veem uma parte de uma enorme torre de pedra iluminada, próxima ao morro. A banda começa a tocar.

De súbito, as crianças se dão conta que anoiteceu, apesar de acharem que se passou pouco tempo. Nina tenta conferir as horas em seu celular, mas o aparelho não liga. Pipo se preocupa com o retorno deles, enquanto Júnior se afasta dos amigos. Nina sugere que eles refaçam o trajeto e pergunta se Júnior não se lembra. Pipo e Nina percebem que o amigo não está mais ali, porém não tarda para Júnior se aproximar novamente, o garoto está com um saco de pipocas. Pipo pergunta como ele conseguiu aquilo, visto que o dinheiro deve ser diferente, e Júnior diz que apenas disse ser neto de Vera e o senhor prontamente deu para ele, afirmando que depois acerta com sua avó. Pipo o recrimina, enquanto Nina pega uma pipoca. Júnior se irrita, mas a garota explica que precisava saber se aquele mundo era real. Zé de Biró recita um poema em cima do coreto. Nele, o poeta fala que o progresso engolirá a cidade e não haverá pedra

alguma que sobreviva. As crianças ouvem com atenção. Zé de Biró se despede, desce do coreto e caminha para fora da praça. As crianças o acompanham com o olhar, em seguida se olham, acenam positivamente e seguem o poeta.

As ruas, ao pé do morro, são de paralelepípedos, iluminadas com uma luz amarelada. Famílias inteiras estão sentadas na porta de casa. Em outras calçadas, três senhoras estão sentadas. Algumas crianças brincam de esconde-esconde. Nina, Pipo e Júnior observam tudo, mas continuam seguindo Zé de Biró.

As ruas passam a ser cada vez mais calmas e silenciosas, ao passo que o morro está cada vez mais próximo. Pipo hesita, mas Nina o encoraja, argumentando que pode ser a única maneira deles saírem dali. Júnior diz não ser de todo mal ficarem presos naquele lugar. Zé de Biró abre um portão de grades, entra em um pátio, o morro o circunda. As crianças também entram e param impressionadas diante do grande morro de calcário, imponente e enigmático. Zé de Biró entra no morro. As crianças ficam confusas, mas seguem o poeta. Ao se aproximarem do local onde Zé de Biró entrou, se surpreendem com o fato de haver aparatos e móveis, o espaço é uma casa precária, mas com artefatos suficientes para sobrevivência. As paredes são as pedras do morro, a luz é escassa e o chão de concreto. Zé de Biró não está ali. As crianças chamam por ele e se espalham pelo pequeno cômodo.

Ao fundo, onde apenas uma fresta rara de luz incide, há uma espécie de poço. Nina se aproxima e grita o nome de Zé de Biró, um eco ressoa. Pipo e Júnior se aproximam e repetem a ação. As crianças se empolgam e gritam cada vez mais forte. Júnior inclina seu corpo para dentro do poço, se desequilibra e, ao cair, puxa Nina, que puxa Pipo. De cima, é possível ver os corpos das crianças flinando como folhas, ao passo que vão se adentrando no escuro do poço. O eco de seus gritos toma conta de todo o espaço.

Na sala de Arquivos da biblioteca, Júnior passa pela porta e cai no chão. Em seguida, Nina e Pipo também passam pela porta e caem próximo ao amigo. Em uma mistura de euforia e assombro, elas conversam entre si, ofegantes, nesse momento, Pipo constata, surpreso, que existia outro portal. Antônia e Ary se aproximam das crianças, Pipo se levanta e pergunta onde está Zé de Biró, e os jovens afirmam que ele nunca esteve ali. Antônia e Ary fazem diversas perguntas sobre o que há para além da porta, mas nenhuma das crianças responde. De súbito, os três correm para a calçada. Antônia e Ary também vão. Pipo aponta

para os prédios do entorno, diz que deveria ter alguma coisa ali e afirma que o que eles viram para além da porta era real. Antônia questiona o que eles podem ter visto de tão extraordinário em poucos minutos. Pipo tateia seus bolsos e retira a bala que pegou na visita ao passado. Todos olham admirados para a bala de embalagem antiga, mas Nina interrompe o deslumbramento ao repetir a fala de Antônia sobre eles terem passado poucos minutos fora e perguntar quanto tempo foi. Rapidamente, Antônia e Ary respondem que foram 5 minutos. As crianças reagem incrédulas.

Uma grande estrutura de palco é montada na praça da cidade. Armando e Neto Cruz e Silva acompanham a montagem. Armando performa simpatia e cumprimenta os transeuntes para uma gravação de celular feita por sua secretária. Neto Cruz e Silva segue apenas as orientações de Armando. No rádio, um radialista elogia a estrutura da cidade. Outros homens, secretários e vereadores se aproximam e junto com Armando e Neto olham para os prédios do entorno. Enquanto Armando narra os feitos do progresso na cidade, Neto o interrompe afirmando que fazer desaparecer nem foi difícil. A fala gera uma interrogação nas pessoas presentes, Armando aborda um senhor que caminha na rua e redireciona a atenção dos homens.

Curiosas, Ary pergunta o que havia para além da porta e Antônia questiona se eles tiraram alguma foto. As crianças respondem às perguntas, informando que o celular não funcionou, mas continuam conversando entre si e concordam ao quererem retornar ao portal. Elas entram na biblioteca novamente e vão em direção à sala de Arquivos, mas Ary corre mais rápido, passa na frente delas e diz que precisa fechar a biblioteca, do contrário geraria problemas para ela. Nina insiste, os meninos a apoiam, mas Ary está irredutível. Júnior sugere irem depois da escola, Ary diz que não dará porque estará na escola e Pipo reforça a inviabilidade por ser muito tarde, seus pais desconfiariam. Ary diz que o ideal seria no meio da tarde, horário em que o entorno da biblioteca está vazio, mas rapidamente se recorda que todos estariam em aula. Júnior diz ser fácil sair da escola. Nina e Pipo dizem que não seria para eles, mas Antônia rebate e afirma que também será.

Na sala de jantar, Pipo, Antônia, Tadeu e Jussara almoçam. Tadeu conversa sobre acontecimentos do país. Antônia e Pipo fazem perguntas sobre o passado, de como os pais se conheceram, se eles já conheciam Dona Vera e Seu Nô. Tadeu responde com ânimo. Os dois irmãos continuam o interrogatório e perguntam

como se chamava a escola que eles estudavam e onde estava localizada, Tadeu tenta lembrar, mas a tentativa é fracassada, pede ajuda à Jussara que não o escuta, ele volta a perguntá-la, sem êxito, até Antônia a chamar. Jussara se desculpa, ri e se esforça para lembrar. Antônia está gravando a conversa com o seu smartphone. Pipo pergunta se em algum período a cidade costumava ficar cheia de turistas, apesar deles lembrarem do feriado e da praça repleta de gente, não lembravam o porquê. Antônia interrompe a gravação e mexe no smartphone. Jussara chama sua atenção e é possível ver dois anexos enviados em uma conversa com Ary, acompanhados da mensagem "use oq tiver melhor/ aí é só seguir o texto/mas é pra ligar umas 13h" e recebe de volta a mensagem "o de Nina já tá pronto". Antônia lembra a Pipo que eles não podem se atrasar, e avisa que naquele dia eles iriam a pé.

Na sala da diretoria da escola Inove, o telefone toca. A diretora, Norma, uma mulher branca, 50 anos, de cabelos tingidos de loiro, atende e cumprimenta Tadeu. Na outra linha, é possível ouvir a voz de Tadeu que é simulada por uma inteligência artificial. Paralelamente, Antônia e Pipo caminham nas ruas com a farda da escola. Tadeu avisa que os filhos não irão para escola, devido a um forte resfriado que os dois pegaram. Antônia e Pipo caminham em uma avenida em direção reta, mas viram em uma esquina, lá estão Nina, Júnior com sua bicicleta e Ary com uma motoneta. Pipo na parte traseira da bicicleta de Júnior, enquanto Nina e Antônia vão na motoneta de Ary. Nina está apreensiva, diz que elas estão infringindo várias leis ao mesmo tempo, mas Antônia a tranquiliza lembrando que a garota é filha de advogado.

Júnior e Pipo seguem pela avenida, enquanto as meninas entram em uma rua transversal. Elas fazem uma espécie de zig-zag por entre as vielas, na tentativa de evitar que pessoas as vejam. As ruas possuem um asfalto de baixa qualidade e não há sinalizações. Após as meninas entrarem em cada uma das vielas, uma grande caminhonete passa mais ao fundo. Em certa viela, as meninas avistam Zé de Biró. Ary para a motoneta, Nina sugere ir ao encontro de Zé. Antes que possam se aproximar, a caminhonete fecha a passagem, para, o vidro do banco do motorista se abaixa, é Neto Cruz e Silva, que fita todas elas por alguns segundos. A caminhonete segue, e Zé de Biró não está mais na rua.

Nina, Antônia e Ary chegam na biblioteca. Júnior e Pipo se aproximam segundos depois, e reclamam da demora das meninas. Os

meninos entram, Ary fecha a porta principal e não abre nenhuma das janelas. Os cinco entram na sala de Arquivos, e Nina, Pipo e Júnior vão em direção à porta que dá acesso ao portal. Antônia segue a mesma ação, mas ao perceber que Ary não os acompanha, retorna. Ary afirma que precisa alguém precisa permanecer ali, recorda da abordagem estranha de Neto e teme que pessoas da prefeitura resolvam ir até lá. Antônia resolve fazer companhia a Ary.

Nina, Pipo e Júnior cruzam a porta. O pátio da escola, outrora repleto de crianças e adolescentes, está vazio. As crianças caminham pelos corredores e observam inúmeras fotografias, reconhecendo algumas pessoas. Seguem para a frente da escola, o portão de grades está fechado. Nina, então, começa a escalar as grades e consegue passar para o outro lado. Os meninos param por uns segundos, ela questiona se eles não virão. Pipo e Júnior também escalam as grades.

As ruas estão tranquilas, apenas as crianças caminham por elas, conversando sobre como a descoberta é fantástica. O deslumbramento e euforia, aos poucos, perde espaço para uma melancolia, quando Pipo questiona a razão para tamanho esquecimento. As crianças passam em frente à praça, onde está sendo montado um grande estande. De dentro dele sai Neto Cruz e Silva segurando um cartaz, ele o pendura na entrada do estande, nele está uma imagem de Armando e Neto Cruz e Silva acompanhado de um letreiro "Novos Tempos, Nova Lapa". Júnior olha o estande, mas rapidamente caminha em direção a dois meninos, um carrega nas costas materiais de engraxate, outro uma bola de futebol. Pipo permanece mais tempo observando a praça e a movimentação de Neto. Quando para um caminhão pau-de-arara repleto de pessoas em sua carroceria em um posto de gasolina, em frente à praça e próximo deles, o garoto redireciona sua atenção e vai até o automóvel. Apenas Nina permanece a observar a praça e o estande e, lentamente, se aproxima dele. De repente, Neto mira o olhar para a garota.

Júnior conversa com os dois meninos, pergunta o que é a caixa que um deles carrega nas costas e para o outro pergunta, com considerável surpresa, se existe lugar para jogar bola de verdade. Os meninos estranham as perguntas, iniciam uma resposta, mas desistem no meio do caminho e o chama para jogar com eles.

Em um campo de areia, vários meninos vestem a mesma camisa, branca e com uma faixa preta. Alguns estão sentados embaixo de uma árvore, no chão, outros se apoiam em caixas de isopor e de

engraxate. Os dois meninos que Júnior encontrou se aproximam do grupo, tira algumas notas de cruzeiro, dão para o menino mais alto do grupo e recebem sua camisa. Júnior observa o espaço, diz saber onde está, mas antes que fale o nome do local, um dos meninos apita. A bola é jogada para cima e todos os meninos correm atrás dela. Júnior também corre e começa a jogar futebol. Um dos meninos grita que o fotógrafo chegou, e outro completa que agora o jogo da camisa estava completo. Na medida em que os meninos jogam bola, é possível ouvir o barulho da captura das fotos e, gradativamente, os movimentos passam a ser registrados como fotogramas, e em todos eles Júnior aparece em absoluto desfoque.

Pipo se aproxima do caminhão, algumas pessoas descem, o motorista desce e conversa com o frentista. Pipo está parado bem próximo à carroceria. Não demora muito para o frentista terminar o seu trabalho, o motorista pagar e as pessoas que desceram do caminhão subirem novamente. Sobe muito mais pessoas do que aparenta caber na carroceria, o que gera um pequeno tumulto, Pipo acaba entrando no meio do pequeno conglomerado de pessoas e, de repente, um homem o levanta, segurando-o pela cintura e o coloca em cima da carroceria. Rapidamente, o caminhão começa a andar, e Pipo não consegue descer. Sentado em meio às pessoas, Pipo os observa, são todos humildes, a maioria negros, vestem roupas de algodão ou xita, algumas mulheres possuem lenços amarrados na cabeça, alguns homens estão com camisas de botões semiabertas e fumam paiol. Algumas crianças também estão sentadas, algumas são bebês de colo, acobertados por mantas de algodão, outras já são mais grandinhas. Todos eles, adultos e crianças, carregam na cabeça um chapéu panamá branco adornado com uma fita de cetim verde.

Nas ruas, Pipo consegue ver pessoas caminhando a pé, muitas vezes descalças. Algumas carregam potes de barro na cabeça, outras imagens de santos. O caminhão dá um pequeno solavanco e tem dificuldade para seguir, uns passageiros reclamam, outros fazem preces ao Senhor Bom Jesus. O caminhão para, as pessoas descem, o motorista olha pelo retrovisor, vê Pipo e grita de dentro da cabine que o menino precisa descer.

Na entrada da rua que fica ao pé do morro, próximo à praça, Nina se inquieta com o olhar de Neto, desvia o seu olhar e muda a direção do seu caminhar. Segue em direção à rua que fica ao pé do morro, sem olhar para trás. Com uma certa distância do estande, no entanto, se vira e avista Armando juntamente com Neto olhando em sua direção. Bruscamente, a garota se vira,

acelera o passo e, aos poucos, um semblante de estranheza habita seu rosto, enquanto ela questiona a presença dos Cruz e Silva. Um som de pandeiros e passos fortes ecoa ao longe. A preocupação de Nina perde lugar para a curiosidade, ela segue o som. Em uma das vielas, caminhando em direção ao morro, um grupo de homens, mulheres e crianças, enfileirados, cantam e reproduzem um tipo de coreografia típica da Marujada. Nina se aproxima. A disposição dos integrantes do grupo forma uma nau, gradativamente, se desfaz formando duas filas, uma de frente a outra e no espaço entre as duas, quatro homens dançam em dupla, cada um segurando uma espada. Eles batem uma espada na outra, seguindo o ritmo da canção que o grupo entoia. Nina está boquiaberta, observando de uma das esquinas.

Mais a frente, sai de outra viela, um grupo de mulheres vestidas de branco ensaiando cânticos, elas entram na rua ao pé do morro, onde Nina está. O tom de voz é agudo, gutural e lamentoso, o é ritmo monótono e repetitivo, Nina é tomada por olhar vago, expressando um estado de abstração e alheamento. As mulheres se distanciam, juntamente com o cântico, até desaparecerem. Nina retorna ao seu estado normal, e conclama repetidas vezes que escutou algo que parece ser uma música, lembra que não costuma ouvir.

Na carroceria do caminhão pau-de-arara, Pipo desce, desconfiado e constrangido. O caminhão sai dali. Pipo está na beira do Rio São Francisco. As pessoas que estavam com ela no caminhão, se banham nas águas e enchem moringas. Alguns param, descem do carro e se escoram no automóvel enquanto admiram o rio. Jovens tomam banho. Remeiros dormem sobre a tolda da cona e em esteiras de palha de carnaúba na areia. Canoas estão atracadas na beira do rio, na proa de todas estão carrancas, monstros talhados em madeira.

No ponto de vista de uma criança que corre na beira do rio e mergulha em suas águas, vozes sobrepostas de remeiros alertam para o perigo do nego d'água e cada voz o descreve. Alguns afirmam ter visto um ser de cor preta, outros de cor melado, baixos, atarracados, de cabeça pelada. Caminhonetes e carros menores circulam nas proximidades. Pipo se aproxima do rio, banha seus pés, atrás dele é possível ver o morro que parece ficar cada vez maior.

Paralelamente, na biblioteca, Antônia se preocupa com as crianças, desta vez eles estão demorando, a noite já caiu. Ary a tranquiliza e diz que as crianças precisam dar um sumiço, vez ou outra, para poderem contar história. Antônia ri, elas se

olham em silêncio e dão um beijo na boca. Antônia fala como é importante ter de ver ou presenciar algo para se sentir viva, para poder ter história. Ary concorda, mas brinca com o fato da perspectiva de Antônia minorar o que a biblioteca guarda. Antônia afirma não entender a razão de existir poucos livros na biblioteca, se incomoda com a falta de registro sobre a cidade, Ary escuta encantada, e reflete sobre o poder da memória. Uma das falas de Antônia, deixa Ary inquieta, ela pede para Antônia repetir, mas a jovem não sabe ao certo qual parte se refere. Ary se levanta, de súbito, e se movimenta freneticamente, na medida em que pede para que Antônia apenas continue falando. Ariel encontra o emaranhado de papéis, juntamente com a fita verde, que achou no dia da chuva. As duas folheiam os papéis com atenção e, após alguns segundos, se olham pasmadas.

Anoitece e sobre o morro, fogos de artifício invadem o céu, acompanhados de gritos e cânticos indecifráveis.

No campo de areia, o apito indica o fim do jogo. Júnior está suado, sorridente, cumprimenta os novos colegas, mas os fogos e os sons chamam a sua atenção. Ele dá conta que não está na companhia de Nina e Pipo, pergunta aos meninos se eles viram os amigos, mas todos negam. Ele resolve seguir o som dos fogos e dos cânticos, que vêm na direção do morro.

Na beira do rio, pessoas saem em direção ao centro da cidade, Pipo observa o movimento retirante e, após ouvir os fogos de artifício, resolve seguir em direção ao som.

A voz de Antônia e Ary sobrepõe as cenas das crianças e descobrem que ali está a história da cidade. Lêem os escritos, são a descrição do que as crianças veem. Romeiros em peregrinação.

Júnior corre nas ruas. Pipo caminham apressadamente. Pessoas cruzam com os meninos, em lugares distintos, elas seguem na direção contrária do morro, parecem automatizadas. Uma delas deixa um folheto, semelhante a um santinho de político, cair no chão. Ele voa e para próximo a Pipo, nele há uma fotografia de Armando e Neto Cruz e Silva. Enquanto Pipo vê aquilo com desconcerto, Júnior se esbarra nele. Eles se assustam, mas quando se reconhecem questionam ao mesmo tempo onde o amigo estava, e antes que respondam, novamente ao mesmo tempo, gritam por Nina.

Na rua que fica no sopé do morro, pessoas diversas, adultos, crianças, idosos, jovens e famílias inteiras, caminham em direção ao morro e ocupam todos os cantos da via. Os fogos, os cânticos e gritos de "Viva" estão cada vez mais altos e

límpidos. Nina ouve atentamente e segue o fluxo. De repente, alguém puxa seu braço, a menina se digladia, mas rapidamente percebe que são seus amigos Pipo e Júnior. Eles questionam ao mesmo tempo onde cada um estava. O fluxo de pessoas está aumentando e as crianças são obrigadas a seguirem.

Rapidamente, chegam em uma esplanada, em volta do morro com inúmeras pessoas. A maioria usa um chapéu panamá branco com uma fita verde em volta.

Alguns sobem a esplanada de joelhos, outros carregam garrafas de água e imagens de santos. Muitas velas estão acesas, umas estão em velários, outras são carregadas por romeiros. As pessoas entram no morro. Lá, há um grande santuário, em grutas repletas de estalactites e estalagmites. Os romeiros cantam. Pipo encontra uma fita verde no chão e guarda consigo. As velas iluminam o santuário. Os romeiros seguem em procissão. Há uma outra sala, com réplicas de pés, mãos e corpos humanos talhados em madeira. Diversas fotografias 3x4, objetos pessoais, cartas, capacetes e maquetes de casas. Cânticos ressoam. As crianças vivem uma mistura de encanto e assombro.

A narração outrora guiada por Antônia e Ary é dividida com a voz de Zé de Biró que, aos poucos, a assume por completo, desta vez, em cordel, conta toda a história da cidade, até sua desmemória e seu presente construído sobre os escombros do passado, engolidos pelo progresso.

Paralelamente, Ary e Antônia sobem na motoneta; a secretária de Armando Cruz e Silva fecha a biblioteca; as pessoas se juntam na praça da cidade; próximo ao palco estão funcionários e homens engravatados; Armando e Neto Cruz e Silva sobem ao palco.

O cordel de Zé de Biró agora narra a epopeia de três crianças perdidas nas histórias do passado. Ele fala que a cidade foi criada por lendas e narra a história do peregrino que andou dias pelos sertões até encontrar uma gruta, onde fez morada ao lado de uma onça e de uma serpente com asas. A gruta se tornou santa, destino de fé de milhares de sertanejos.

Sob a narração de Zé de Biró, Nina, Pipo e Júnior, caminham por grutas cada vez mais estreitas e escuras, até um clarão a iluminar por completo, ao longe, voando por todos os lados, ao lado de corujas e morcegos, uma serpente solta fogo iluminando todo o espaço. As crianças observam paralisadas e estupefatas, boquiabertas. Um clarão cai sobre eles, fazendo-os desequilibrar e cair, cada um, em uma fenda entre as pedras.

Nuvens começam a ocupar o céu. Aos poucos, o morro começa a aparecer, mas as nuvens ficam cada vez maiores e densas. A multidão se dá conta do entorno e se dispersa, pessoas caminham de um lado para o outro com uma mistura de encantamento e desespero. As crianças caem na casa de Zé de Biró, ele está na parte de fora, mas parece que estava à espera delas. Ele as chama, fazendo o tradicional cumprimento à Nina. Quando saem da casa que fica dentro de uma gruta, avistam prédios apequenados, ruas asfaltadas, é então que dão conta que o morro voltou a existir. Nina ergue a cabeça para os céus, e em segundos uma grossa gota de chuva cai sobre sua testa. Uma nova chuva torrencial cai sobre a cidade.

É dia novamente, faz sol. As ruas estão asfaltadas, um pequeno fluxo de motocicletas e carros, muitos ônibus estão parados. Pessoas circulam nas ruas, usam smartphones. Há uma grande cacofonia, pessoas conversam, carros com música passam nas ruas. Na praça, há um coreto, árvores e bancos onde as pessoas se sentam. Zé de Biró cruza a praça, com pequenos folhetos de cordel, anuncia a aventura de três crianças no pé do morro. Gritos de "Viva" ressoam. Uma procissão se aproxima. Na ala da frente, crianças carregam estandartes, uma delas é Júnior. Dona Vera acompanha, coordenando as crianças. Antônia e Ary caminham juntas de um lado para o outro cada uma com uma câmera nas mãos, fotografam a procissão. Pipo está acompanhado de Tadeu e Jussara, todos cantam as músicas. Pessoas carregam um andor repleto de flores e fitas de cetim com uma maquete do morro. A procissão passa em frente à praça, Nina está com Gabriel próxima ao meio fio, eles assistem a passagem da procissão. Em seguida, corre para a praça, sobre no coreto e brinca com crianças que lá estão, dentre elas Pipo e Júnior.

Fim.

ANEXO D

ESCALETA

ESCALETA - Pé do Morro

CENA 1A - EXT. MORRO DE CALCÁRIO - BEIRA DO RIO - DIA

Um menino corre por entre corredores compostos de pedras de calcário. O menino chega até o pico do morro e se desequilibra.

Uma mulher lava roupas no rio e um pescador prepara uma rede para lançar nas águas. A mulher avista uma figura amorfa, flutuando lentamente no ar como uma folha. Algo cai no rio e espirra água pelos cantos. O pescador lança a rede na água e quando a puxa, um menino está sentado entre os fios de nylon, ileso.

CENA 2 - EXT. RUA DA CASA DE PIPO - DIA

Pipo entra no carro, Antônia e Jussara o espera. Júnior está montado em uma bicicleta em cima da calçada. Jussara passa por ela e buzina. Pipo e Júnior se cumprimentam. Dona Vera sai de casa com uma vasilha e guarda na mochila de Júnior.

CENA 3A - EXT. RUAS DA CIDADE - DIA

O carro segue pelas ruas da cidade. Nina sai de uma mercearia e sobe na garupa da motocicleta de seu pai, Gabriel. Zé de Biró caminha com um guarda-chuva aberto. No rádio, Armando Cruz e Silva convida a população para a celebração do GRANDE DIA.

CENA 3B - EXT. FRENTE DO COLÉGIO INOVE - DIA - INÍCIO DA TARDE

Pipo, Antônia entram no Colégio Inove. Nina desce da garupa da moto, despede de Gabriel e entra no colégio.

CENA 4 - INT. SALA DE AULA - DIA - INÍCIO DA TARDE

Diana dá aula de História. Pipo e Nina estão na sala. Nina questiona sobre a origem da cidade em que moram, Diana se desconcerta, um sinal apita e, mecanicamente, ela retoma a explicação do zero.

CENA 5A - EXT. RUAS DA CIDADE - DIA - MEIO DA TARDE

Pessoas saem na porta dos comércios e olham para o céu. No semáforo, pessoas nos carros e motocicletas parados repetem a ação.

CENA 5B - EXT. PRAÇA DA CIDADE - DIA - MEIO DA TARDE

Seu Nô caminha se protegendo do sol e estranha o fato de ouvir uma trovoadas em tempo de estiagem. Zé de Biró caminha pelas ruas, enquanto anuncia que o passado se abrirá. Ele continua com um guarda-chuva aberto.

CENA 5C - EXT. FRENTE DA BIBLIOTECA - MEIO DA TARDE

Ary destranca a porta principal da biblioteca municipal, olha o celular freneticamente e entra apressada.

CENA 5D - INT. SUPERMERCADO - DIA - MEIO DA TARDE

Jussara entra no pequeno supermercado. Dona Vera se aproxima do caixa. Todos no conversam sobre a chuva. Dona Vera fita o céu preocupada e se apressa.

CENA 6 - INT. PÁTIO DO COLÉGIO INOVE - DIA - MEIO DA TARDE

Pipo observa o céu e vê uma figura amorfa flanando no ar, Nina lê um quadrinho. Venta bastante e Pipo estranha. Antônia se despede dos amigos, se aproxima das duas crianças e chama o Pipo. Em seguida, Nina também levanta e sai da colégio.

CENA 7 - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA - MEIO DA TARDE

Ary vê fotos numa página de rede social aberta no computador. Um forte vento abre uma das janelas com força. Ary se levanta, vê uma fita verde e um emaranhado de papéis amarelados, pega todos e os guarda.

CENA 8A - EXT. FRENTE DA ESCOLA HENRIQUETA CRUZ E SILVA - RUAS - DIA - FIM DE TARDE

Júnior está montado em sua bicicleta e segue pelas ruas. Pingos de chuva começam a cair, gradativamente. Não há pessoas nas ruas e escassos carros passam. Júnior pedala com ligeireza, mas a chuva torna-se torrencial. Júnior entra na biblioteca.

CENA 8B - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA - FIM DE TARDE

Ary conversa por vídeo chamada com Antônia. Júnior está encharcado. Ary dá de ombros, mas percebe a chuva. Ary encerra a ligação, se levanta e vai fechar as portas. Júnior tenta engatar uma conversa, em vão. Um barulho diferente vindo do interior da biblioteca chama a atenção dos dois jovens. Júnior

quer ir atrás do som, mas Ary desconversa. O menino a convence. Ary pega uma chave.

CENA 8C - INT. CORREDOR - NOITE

Júnior e Ary seguem o som e abrem algumas portas. Uma melodia indecifrável e quase inaudível ecoa.

CENA 8D - INT. SALA DE ARQUIVOS - NOITE

Júnior insiste que eles precisam abrir a porta. A melodia se torna mais audível e causa uma estranha confusão em Ary. Júnior pega as chaves das mãos de Ary e abre a porta, um clarão invade a sala, apenas Júnior vê o que está dentro dela. Um grito alto invade o espaço e Ary se assusta é o toque do celular de Júnior. O garoto fecha a porta e guarda a chave consigo.

CENA 8E - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - NOITE

Júnior atende o celular. Não está chovendo, Júnior pega sua bicicleta para ir embora, Ary pega sua mochila e acompanha o menino até a saída. A porta da sala de arquivo está entreaberta. Os dois saem da biblioteca.

CENA 9 - INT. CASA DE NINA - NOITE

Nina observa a rua da janela de cima de um sobrado em dia chuvoso. Zé de Biró se aproxima com um guarda-chuva, dizendo coisas incompreensíveis. Quando ele a encara, ela o cumprimenta. Nina recebe uma mensagem de Júnior no monitor, distraída, e quando volta a olhar para a rua, Zé de Biró desapareceu.

CENA 10 - INT. QUARTO DE PIPO - DIA

Pipo está no quarto estudando, recebe uma mensagem no celular enviada por Júnior. Tadeu bate na porta e avisa que Júnior está na frente da casa à sua espera.

CENA 11 - EXT. RUAS DA CIDADE - DIA

Pipo e Júnior caminham. Pipo faz perguntas ao amigo, mas não obtém respostas. Uma mão segura os ombros dos meninos,

assustando-os. É Nina, que passa a caminhar e conversar com os amigos.

CENA 12A - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA

As crianças entram na biblioteca. Ary e Júnior trocam farpas. Júnior prevê a chegada de alguém na biblioteca. Antônia entra com um livro na mão, surpreendendo todos. Ary confere a

devolução do livro, dividindo o olhar entre Júnior e Antônia. Pipo e Nina folheiam livros em uma mesa. Finalizado o processo de devolução, Antônia permanece na biblioteca. Júnior declara que a chuva abriu um portal para o futuro na sala de Arquivos. Todos debocham de Júnior e o desafiam a mostrar.

CENA 12B - INT. SALA DE ARQUIVOS - DIA

Nina, Pipo, Júnior, Antônia e Ary entram no corredor que dá acesso à sala de Arquivos. Nina abre a porta e entra, seguida por Júnior e Pipo. Ary e Antônia permanecem dentro da sala.

CENA 13 - EXT. PÁTIO DA ESCOLA ANOS 90 - DIA

Nina, Pipo e Júnior cruzam o portal e chegam em uma escola. O sino toca, crianças e adolescentes saem das salas eufóricos. As crianças se misturaram na multidão de alunos. Dona Vera sai de uma das salas, Seu Nô carrega o apito, ambos estão mais jovens. As crianças seguem o emaranhado de alunos que caminham pelos corredores e saem da escola.

CENA 14 - EXT. RUAS ANOS 90 - DIA

Todos os alunos caminham a pé. Dona Vera entra em um carro. As três crianças continuam a caminhar, seguindo os grupos de alunos.

CENA 15A - EXT. PRAÇA ANOS 90 - DIA

Tadeu e Jussara, mis jovens, sentam em um banco de madeira. Zé de Biró caminha na praça, cumprimenta a maioria das pessoas com quem cruza e declama um cordel. As crianças se dão conta que existe um enorme morro com pedras de calcário que circunda todo o espaço. Zé de Biró cumprimenta as crianças e segue por entre

as ruas. Nina quer ir atrás do poeta, mas um carro de carroceria com uma caixa de som desperta a curiosidade das crianças, que caminham na direção do som. Crianças caminham pela praça explorando. Uma banda sobre no coreto, testa o som. A praça está cada vez mais cheia e atividades diversas acontecem ao mesmo tempo. Um sino toca, o som vem na direção do morro. As crianças procuram de onde vem o som, e veem uma parte de uma enorme torre de pedra iluminada, próxima ao morro. A banda começa a tocar.

CENA 15B - EXT. PRAÇA ANOS 90 - NOITE

Nina tenta conferir as horas em seu celular, mas o aparelho não liga. Júnior se afasta dos amigos e volta com um saco de pipocas. Zé de Biró recita um poema em cima do coreto. As crianças ouvem com atenção. Zé de Biró se despede, desce do coreto e caminha para fora da praça. As crianças seguem o poeta.

CENA 16 - EXT. RUAS ANOS 90 - NOITE

Famílias inteiras estão sentadas na porta de casa. Crianças brincam de esconde-esconde. Nina, Pipo e Júnior observam tudo, mas continuam seguindo Zé de Biró. Zé de Biró abre um portão de grades, entra em um pátio, o morro o circunda. As crianças também entram e param impressionados diante do grande morro de calcário, imponente e enigmático. Zé de Biró entra no morro.

CENA 17 - INT. CASA DE ZÉ DE BIRÓ - NOITE

As crianças na casa, chamam por Zé de Biró e se espalham pelo pequeno cômodo. Nina se aproxima de um poço e grita o nome de Zé de Biró, um eco ressoa. Pipo e Júnior se aproximam e repetem a ação. As crianças se empolgam e gritam cada vez mais forte. Júnior inclina seu corpo para dentro do poço, se desequilibra e, ao cair, puxa Nina, que puxa Pipo.

CENA 18 - INT. SALA DE ARQUIVOS - DIA

Júnior passa pela porta e cai no chão. Em seguida, chegam Nina e Pipo. Antônia e Ary fazem diversas perguntas. As três crianças correm para a calçada. Antônia e Ary também vão.

CENA 19A - EXT. FRENTE DA BIBLIOTECA - DIA

Pipo aponta para os prédios do entorno. Pipo retira a bala que pegou na visita ao passado.

CENA 20 - EXT. PRAÇA DA CIDADE - DIA

Armando e Neto Cruz e Silva acompanham a montagem de uma grande estrutura de palco.

CENA 19B - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA

Ary e Antônia fazem perguntas. Nina, Pipo e Júnior correm em direção à sala de Arquivos. Ary passa na frente e pega a chave. Os cinco combinam de voltar mais tarde.

CENA 21 - INT. SALA DE JANTAR DE PIPO - DIA

Pipo, Antônia, Tadeu e Jussara almoçam. Antônia grava a conversa com o seu smartphone. Antônia interrompe a gravação e a envia para Ary.

CENA 22A - INT. DIRETORIA COLÉGIO INOVE - RUAS DA CIDADE - DIA - INÍCIO DA TARDE

Norma atende o telefone e cumprimenta Tadeu. Antônia e Pipo caminham com a farda da escola, mas desviam o caminho e encontram com Nina, Júnior e Ary.

CENA 22B - EXT. VIELA DA CIDADE - DIA - INÍCIO DA TARDE

Nina, Antônia e Ary avistam Zé de Biró. Antes que possam se aproximar, uma caminhonete fecha a passagem, para, o vidro do banco do motorista se abaixa, é Neto Cruz e Silva. A caminhonete segue, e Zé de Biró não está mais na rua. Nina,

CENA 22C - EXT. FRENTE DA BIBLIOTECA - DIA - INÍCIO DA TARDE

Antônia e Ary chegam na biblioteca. Júnior e Pipo se aproximam segundos depois. Todos entram, Ary fecha a porta principal e não abre nenhuma das janelas.

CENA 23 - INT. SALA DE ARQUIVOS - DIA - INÍCIO DA TARDE

Os cinco entram na sala de Arquivos, e Nina, Pipo e Júnior vão em direção à porta que dá acesso ao portal. Antônia e Ary permanecem na sala.

CENA 24 - EXT. ESCOLA ANOS 90 - DIA - TARDE

O pátio da escola está vazio. As crianças caminham pelos corredores e observam inúmeras fotografias. O portão de grades de entrada está fechado. Nina, Pipo e Júnior escalam as grades.

CENA 25A - EXT. RUAS DA CIDADE ANOS 90 - DIA - TARDE

Nina, Pipo e Júnior caminham e conversam.

CENA 25B - EXT. PRAÇA DA CIDADE ANOS 90 - DIA - TARDE

Um grande estande é montado. De dentro dele sai Neto Cruz e Silva. Júnior caminha em direção a dois meninos. Pipo vai em direção a um caminhão pau-de-arara que estaciona perto deles. Nina observa a praça e o estande e, lentamente, se aproxima dele. De repente, Neto mira o olhar para a menina.

CENA 25C - EXT. FRENTE À PRAÇA ANOS 90 - DIA - TARDE

Júnior conversa com os dois meninos. Os meninos o chama para jogar futebol.

CENA 26A - EXT. CAMPO DE AREIA ANOS 90 - DIA - TARDE

Vários meninos vestem a mesma camisa. Um dos meninos apita. A bola é jogada para cima e todas as crianças correm atrás dela. Júnior também corre. Um homem com uma câmera começa a tirar fotos, em todos elas Júnior aparece em absoluto desfoque.

CENA 25D - EXT. FRENTE À PRAÇA ANOS 90 - DIA - TARDE

Pipo se aproxima do caminhão, algumas pessoas descem, o frentista abastece o carro. Sobe muito mais pessoas do que aparenta caber na carroceria. Um homem levanta Pipo e o coloca em cima da carroceria. O caminhão dá partida.

CENA 27 - EXT. RUAS DA CIDADE ANOS 90 - DIA - TARDE

Pessoas caminham descalças. O caminhão para, as pessoas descem. O motorista grita para que o Pipo desça do caminhão.

CENA 28 - EXT. RUA AO PÉ DO MORRO - DIA - TARDE

Nina desvia de Neto Cruz e Silva. Um som de pandeiros e passos fortes ecoa ao longe. Uma apresentação da Marujada ocupa uma das vielas. Nina se aproxima. Um grupo de mulheres cantam e entram na rua. Nina se encanta. As mulheres se distanciam, até desapareceram.

CENA 29A - EXT. BEIRA DO RIO - DIA - TARDE

As pessoas se banham nas águas e enchem moringas. Remeiros dormem sobre a tolda da canoa e em esteiras de palha de carnaúba na areia. Uma criança corre na beira do rio e mergulha em suas águas. Pipo banha seus pés no rio.

CENA 30 INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA - MEIO DA TARDE

Antônia e Ary conversam. Ary encontra o emaranhado de papéis. As duas folheiam os papéis.

CENA 26B - EXT. CAMPO DE AREIA ANOS 90 - DIA - TARDE

O apito indica o fim do jogo. Há fogos de artifício no céu. Júnior segue o som dos fogos.

CENA 29B - EXT. BEIRA DO RIO - DIA - TARDE

Pessoas saem em direção ao centro da cidade. Há fogos de artifício no céu. Pipo resolve seguir em direção ao som.

CENA 31 - EXT. RUAS DA CIDADE ANOS 90 - NOITE

Júnior corre nas ruas. Pipo caminha apressadamente. Pessoas cruzam com os meninos, elas seguem na direção contrária do morro. Uma delas deixa cair um folheto. Pipo pega o folheto e Júnior esbarra nele. Pessoas caminham em direção ao morro. Pipo e Júnior encontram Nina.

CENA 32 - EXT. RUA AO PÉ DO MORRO ANOS 90 - NOITE

Pessoas sobem a esplanada de joelhos, outros carregam garrafas de água e imagens de santos. Pipo encontra uma fita verde no chão e guarda consigo. Nina, Pipo e Júnior entram numa sala repleta de velas, réplicas de pés, mãos e corpos humanos talhados em madeira.

Ary e Antônia sobem na motoneta. A secretária de Armando Cruz e Silva fecha a biblioteca. Pessoas se juntam na praça da cidade. Armando e Neto Cruz e Silva sobem ao palco. O morro começa a aparecer e as nuvens ficam cada vez maiores e densas. Pessoas se dispersam.

Nina, Pipo e Júnior caminham por grutas cada vez mais estreitas e escuras. Uma serpente solta fogo iluminando todo o espaço. Um clarão cai sobre eles e os três caem numa fenda entre as pedras.

CENA 33 - INT. CASA DE ZÉ DE BIRÓ - NOITE

As crianças caem na casa. Zé de Biró as chama. Uma nova chuva torrencial cai sobre a cidade.

CENA 34 - EXT. RUAS DA CIDADE - DIA

Um pequeno fluxo de motocicletas e carros. Pessoas circulam nas ruas. Zé de Biró cruza a praça, com pequenos folhetos de cordel. Uma procissão passa nas ruas. Júnior segura um estandarte. Antônia e Ary fotografam a procissão. Pipo caminha com Tadeu e Jussara, todos cantam as músicas. Pessoas carregam um andor. Nina assiste à procissão ao lado de Gabriel. Em seguida, corre para a praça, sobe no coreto e brinca com crianças, dentre elas Pipo e Júnior.

Fim.